

Departamento de Sociologia e Políticas Pública

A Educação Sexual no Ensino Secundário (1º ciclo) em São Tomé: a
avaliação dos professores envolvidos.

Écela Rosa Fernandes de Carvalho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e
Sociedade.

Orientadora: Professora Doutora Teresa Seabra

Professora Auxiliar

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Abril de 2016

ISCTE/IUL

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

Écela Rosa Fernandes de Carvalho

A Educação Sexual no Ensino Secundário (1º ciclo) em São Tomé: a
avaliação dos professores envolvidos.

Dissertação apresentada à ISCTE/IUL - Instituto Universitário de Lisboa para a obtenção do
grau de Mestre em Educação e Sociedade, realizada sob a orientação científica da Professora

Doutora Teresa Seabra

Professora Auxiliar do Departamento de Sociologia

Abril de 2016

Dedicatória

À minha querida mãe

... Á Rosa de todas as rosas...

By Écela Carvalho

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho só foi possível com a colaboração de muitas pessoas que se passa a mencionar:

As primeiras palavras são dirigidas à Prof.^a Doutora Teresa Seabra, minha orientadora. Primeiramente pela paciência, pelo incentivo e toda a confiança que me foi dando até a concretização deste resultado.

A equipa de MECC (Diretores, técnicos e professores), por todo o apoio e dedicação que tiveram desde o fornecimento de dados à participação neste trabalho.

Ao meu grande amigo e colega Mestre Flávio Andrade, pelos ensinamentos e paciência que teve comigo, as horas perdidas e que foram muito gratificantes e com grandes aprendizagens.

À minha família. Mãe, Irmãos, sobrinhos, e o meu rico filho Daniel pela ausência quando precisavas do colo e mimo, todos vocês merecem ser mencionados de forma bem especial.

Ao Instituto Camões I.P., pela atribuição de uma bolsa de Mestrado, sem a qual não teria sido possível a realização deste trabalho de investigação.

RESUMO

O presente trabalho procurou conhecer as opiniões dos professores no que se refere a Educação Sexual (ES) no contexto escolar são-tomense ao nível do 1.º Ciclo do ensino secundário (7^a, 8.^a e 9.^a Classe).

O interesse consignado nesta temática encontra a sua justificação na combinação e na inter-relação de quatro fatores cujas balizas se permeabilizam:

- a) o crescente número da gravidez na adolescência;
- b) o aumento das doenças sexualmente transmissíveis (DST's), com realce para o VIH/SIDA, nos jovens;
- c) a relevância socioeducativa da educação para a sexualidade;
- d) a identificação de lacunas na investigação sobre a educação para a sexualidade em São Tomé e Príncipe.

A sexualidade, ao longo do tempo, tem sido objeto de diversas abordagens do ponto de vista moral e filosófico, estético, literário e artístico. Mais recentemente, a sexualidade passou a ser também um objeto de estudo científico e uma componente das políticas de saúde e da intervenção técnico-profissional.

O estudo teve como finalidade produzir conhecimento sobre a temática do ensino da educação sexual na sociedade são-tomense, recolhendo um conjunto de dados facilitadores da compreensão do papel desempenhado pelos docentes na construção da sexualidade.

Ao nível da sua consecução, utilizou-se a metodologia de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, e com principal técnica de recolha de dados a entrevista semi – estruturada que foi realizada a 15 docentes, de algumas escolas do país, que lecionam 7^a, 8^a e 9^a classe, e os dados obtidos foram submetidos à análise de conteúdo.

Pode concluir-se que a abordagem de ES no contexto educativo em São Tomé se efetua na prática, existindo atividades internas e algumas externas. Neste sentido, os professores entrevistados mostraram-se empenhados na aplicação de grandes estratégias com os alunos para a concretização dos objetivos de ES formal, tiveram comportamentos e atitudes positivas e motivadoras revelando responsabilidades na abordagem de ES e com grandes conhecimentos na sua prática.

Por sua vez, os alunos manifestam grandes curiosidades, interesse, dúvidas, receios, havendo grande adesão nas aulas, e os alunos mais novos mostram-se ainda mais interessados na aprendizagem de ES.

Apesar de a família ser um pilar fundamental na preparação dos filhos sobre esta temática, são poucos os pais em São Tomé que reagem bem a essa questão. No entanto, já é notável a participação, aceitação e o interesse de alguns pais no apoio aos conteúdos programáticos da escola e no diálogo com os seus filhos sobre ES.

Feito o balanço do trabalho desenvolvido, é possível verificar que a ES tem facilitado a vida dos alunos, dos professores, e também da sociedade.

É de frisar que os professores se vêem confrontados com alguns problemas que interferem na abordagem desta temática, como são a falta de condições na sala de aula, tanto ao nível dos materiais didáticos, pedagógicos/lúdicos como o elevado número de alunos por turma. Mas, apesar disto, mostraram-se disponíveis em ter mais formações, de modo a poderem estar a altura das questões colocadas pelos alunos. A ES tem ajudado alguns docentes na vida pessoal e dos amigos, o que reforça a importância desta temática para a sociedade.

Palavras-chave: Sexualidade, Educação Sexual, São Tomé e Príncipe, Professores

ABSTRACT

This study sought the views of teachers in relation to Sexual Education (ES) in the school context Saotomese the level of the 1st cycle of secondary education (7th, 8th and 9th grade).

Payroll interest in this subject is justified by the combination and interplay of four factors whose goals are permeabilize:

the growing number of teenage pregnancy;

the increase in sexually transmitted diseases (DST's) with emphasis on HIV / AIDS, young people;

the social and educational relevance of education for sexuality;

identifying gaps in research on education for sexuality in Sao Tome and Principe.

Sexuality, over time, has been the subject of various approaches to moral and philosophical point of view, aesthetic, literary and artistic. More recently, sexuality has become also an object of scientific study and a component of health and technical-professional intervention policies.

The study aimed to produce knowledge on the subject of the teaching of sex education in society Sao Tome, collecting a set of data facilitating the understanding of the role played by teachers in the construction of sexuality.

At the level of their achievement, we used the methodology of qualitative, descriptive and exploratory, and main technique for collecting the semi interview data - structured which was held to 15 teachers, some schools in the country, who teach 7th, 8th and grade 9, and the data were subjected to content analysis.

It can be concluded that the ES approach in the educational context in São Tomé takes place in practice, existing internal activities and some external. In this sense, the teachers interviewed proved to be engaged in the implementation of major strategies with the students to achieve the formal ES goals, had positive behaviors and attitudes and motivating revealing responsibilities in the ES approach and with great knowledge in their practice.

In turn, the students expressed great curiosity, interest, doubts, fears, and there is great support in class, and younger students show up even more interested in higher education learning.

Although the family is a fundamental pillar in the preparation of children on this topic, few parents in São Tomé who respond to this question. However, it is already remarkable participation, acceptance and interest of some parents in supporting the school syllabus and dialogue with their children about ES.

Take stock of the work done, you can verify that the ES has facilitated the lives of students, teachers, and also of society.

It is to emphasize that teachers are faced with some problems that interfere in addressing this issue, as is the lack of conditions in the classroom, both in terms of teaching materials, teaching / ludic as the high number of students per class. But, nevertheless, they proved to be available to have more training, so that they can be the height of the questions posed by the students. The ES has helped some teachers in personal life and friends, which reinforces the importance of this issue for society.

Keywords: Sexuality, Sex Education, Sexual education in Sao Tome and Principe

ÍNDICE GERAL

Introdução.....	1
1 Educação sexual em contexto escolar	3
1.1 Sexualidade e educação sexual: especificações Conceptuais	3
1.2 Modalidades de educação sexual	4
1.3 Modelos da educação sexual.....	5
1.4 Comportamento dos professores e dos alunos no ensino da educação sexual	8
2 A educação sexual no contexto atual em São Tomé e Príncipe: Legislação e documentos orientadores	11
3 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa.....	15
4 Educação Sexual Em São Tomé: a voz dos professores	19
4.1 Objetivos e finalidades de educação sexual no secundário e os conteúdos mais focados.....	19
4.2 Atuação dos professores: atividades desenvolvidas e comportamentos e atitudes	21
<i>Atividades desenvolvidas</i>	21
<i>Comportamentos e atitudes dos professores</i>	25
4.3 Comportamentos e reações dos alunos e famílias.....	27
<i>Alunos</i>	27
<i>Famílias</i>	29
4.4 Avaliação do trabalho desenvolvido: efeitos positivos, dificuldades sentidas e sugestões de alteração	31
<i>Efeitos positivos de E.S</i>	31
<i>Dificuldades sentidas</i>	34
<i>Sugestões de alteração</i>	42
Conclusão.....	47
Referências Bibliográficas	49
Legislação.....	51
Anexos.....	53
Anexo I – Decreto-Lei n.º67/1995“Projecto Introdução da Educação em Matéria de População e para a Vida Familiar nas Escolas (EMPVF).....	53
Anexo II – Decreto-Lei n.º 17/2006 O Programa de Educação em Matéria de Saúde Sexual e Reprodutiva Vida Familiar (EMSSRVF).	54
Anexo III – Guião de entrevista	55
Anexo IV – Grelhas de Análise de Conteúdos.....	58

Anexo IV - Grelha de análise	58
------------------------------------	----

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 3. 1 – Perfil dos professores entrevistados	16
--	----

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2. 1 - Estrutura do sistema educativo Santomense (Lei base 2003).....	13
--	----

Figura 2. 2 – Plano de estudos do Curso de Ensino Geral do 1º Ciclo do Ensino Secundário (decreto-lei 27/2010)	14
--	----

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação, desenvolvido no âmbito da dissertação do Mestrado em Educação e Sociedade, tem como objetivo analisar como é realizada a abordagem da educação sexual no contexto educativo São-tomense, tendo como objeto a descrição e a avaliação de alguns docentes envolvidos.

Em São Tomé e Príncipe (STP)¹, assim como noutros países da língua oficial portuguesa, a implementação da educação sexual em contexto escolar tem estado nas últimas décadas nas agendas políticas e públicas. Em referência específica aos contextos são-tomenses, tudo começa em 1995, com o Decreto 67/95. Nesta linha de pensamento, decidimos aprofundar o conhecimento nesta temática e conhecer as dificuldades e as ações desenvolvidas na e com a escola são-tomenses, pelos professores, uma vez que apesar das ações de educação para a saúde, em torno da educação sexual realizadas em contextos escolares e das frequentes campanhas de consciencialização junto dos adolescentes e jovens são-tomenses, sobre os riscos para a saúde ao engravidarem na adolescência, ou a serem contagiados com HIV/SIDA, e outras IST's a prevalência de adolescentes grávidas e com HIV/SIDA continuam elevada de acordo com os dados do (INE/STP, 2008-2009)². A educação para a saúde é hoje legitimada, quer pelo poder político, quer pelos agentes educativos, como uma área de importância capital na formação integral das /os cidadãs/ãos e no bem-estar coletivo da sociedade (Fernandes, P. Caldas, J. & Ingleby, D. 2013: 7).

A educação para a saúde tem sido amplamente explorada, reconhecendo-se a sua importância no desenvolvimento integral dos indivíduos e no bem-estar coletivo (Precioso, 2004). Tradicionalmente, a escola é um dos contextos que privilegia a operacionalização da educação para a saúde, em diversas áreas (Fernandes, P. Caldas, J. & Ingleby, D. 2013: 7). A escola, enquanto espaço de educação formal, tem sido considerada o contexto privilegiado para o desenvolvimento de ações neste domínio (Fernandes, P. Caldas, J. & Ingleby, D. 2013: 7).

Neste sentido, a educação sexual encontra-se presente no contexto educativo e é executada pelos docentes que tem como missão abordar esta problemática apesar das dificuldades que possam ter de enfrentar, como a falta de participação da família, os tabus existentes na sociedade ou as condições económicas do país.

Resta explicitar a estrutura do presente trabalho. O ponto 1 considera os enquadramentos temático e teórico que sustentam o trabalho, provir a um olhar atento sobre a educação sexual como

¹ É um conjunto de duas ilhas (São Tomé e Príncipe), situada entre os paralelos 0° 01' de latitude sul 1° 144' de latitude norte e o meridiano 6° 28' de longitude este e 7° 28' de longitude oeste de Greenwich, com uma superfície terrestre de cerca de 1001Km². Antiga colónia portuguesa, independente desde 12 de Julho de 1975 (INE-STP, 2008-2009, p. 1).

² Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe, realizou em 2008-2009 um inquérito demográfico Sanitário

campo aberto a novas práticas. Procede-se a uma breve reflexão sobre os diferentes pontos, nomeadamente nos seguintes domínios: Sexualidade e educação Sexual, Modalidades e modelos de educação sexual, o comportamento dos alunos, dos professores no ensino desta temática. O Ponto 2, será realizada uma reflexão cronológica sobre educação sexual no contexto atual em São Tomé e Príncipe (legislação e documentos orientadores) e no ponto seguinte, esclarecem-se os procedimentos metodológicos da pesquisa.

No último ponto realiza-se a análise das entrevistas, seguida de uma conclusão da pesquisa.

1 EDUCAÇÃO SEXUAL EM CONTEXTO ESCOLAR

1.1 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL: ESPECIFICAÇÕES CONCEPTUAIS

O termo sexualidade aparece pela primeira vez no século XIX. Embora a palavra já existisse na linguagem técnica da biologia e da zoologia, apenas nos finais do século passou a ser usada num sentido próximo de hoje, isto é, referindo-se à qualidade de ser sexual ou de ter sexo (Foucault, 1994b; Giddens, 1996). Para a Organização Mundial da Saúde, a sexualidade é definida como “Uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental (em Cortesão, 2005:18) ”.

De acordo com a Comissão Coordenadora da Promoção e Educação para a Saúde (CCPES)³ *et al.*, (2000:26) educação sexual (ES) é definida como uma “abordagem formal, estruturada, intencional e adequada, de um conjunto de questões relacionadas com a sexualidade humana”. Ainda a este propósito, o relatório preliminar do Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES)⁴ (2005:6) afirma que é igualmente designada por *educação para a sexualidade* e caracteriza-a como o “processo pelo qual se obtém informações e se formam atitudes e crenças acerca da sexualidade e do comportamento sexual”. Pelègre e Picot (2006) têm estabelecido a evolução entre o conceito de *educação sexual* que sempre esteve presente na sociedade, como forma de regulação, e o conceito de *informação sexual* reforçado pelo aparecimento da SIDA e pela necessidade de prevenção desta e de outras enfermidades.

Para Figueiró (2007:27), educação sexual é muito mais que aulas sobre a biologia e a fisiologia da sexualidade; refere-se a propiciar oportunidades para discussões, reflexões, debates em grupo com os colegas coordenados por um educador. Nesta perspetiva, é muito importante o espaço que se disponibiliza para trabalhar dúvidas, sentimentos, emoções, atitudes e valores.

Em linhas gerais, a ES pode ser definida como o “processo de aquisição de informação e formação de atitudes e crenças sobre sexo, identidade, relacionamentos e intimidade” (Berger et al., 2008:21-26).

Numa tentativa de conciliar todas estas definições, subscrevemos a perspetiva de Lobão que considera a ES “processo contínuo de aprendizagem, em que toda a comunidade educativa é interveniente e que se realiza através de um conjunto de ações intencionais e estruturadas.” (2007:368).

Portanto, parece não existir uma definição estática e restrigente para cada um destes conceitos, que são utilizados conjuntamente quando se trata desta vertente educativa. Porém, quando se refere ao contexto escolar é que tende a predominar o conceito de ES, considera-se igualmente

³ Comissão Coordenadora da Promoção e Educação para a Saúde

⁴ Grupo de Trabalho de Educação Sexual

todas as dimensões que os diferentes autores referem, quer quando falam de sexo quer quando falam de sexualidade.

A evidência desta pluralidade de dimensões constata-se na tipologia que seleccionámos para fio condutor deste trabalho, apresentada por Carvalho (2008) que defendeu que a educação da sexualidade não visa a disponibilização de informação sobre o ato sexual, se bem que esta seja importante para o processo educativo. A educação da sexualidade prende-se com objetivos de compromisso com a realidade (entender-se e entendê-la), de responsabilidade para com as suas opções, para a compreensão, revisão crítica e aceitação das suas necessidade e desejos e para incentivar o sujeito a comportar-se de acordo com o padrão comportamental escolhido a partir de uma matriz de valores maduros e coerentes.

Esta tipologia parece-nos completa, uma vez que vê a educação da ou para sexualidade de um forma global, abrangendo também as competências pessoais e interpessoais, os afetos e as influências sociais e culturais, e a enquadrar-se no atual conceito de educação para a sexualidade, definida por Lambert, com profundidade e clareza, como:

“O processo pelo qual os educadores se esforçam por guiar, informar e formar os educandos no terreno da sexualidade, a fim de estes poderem aceder ao pleno desenvolvimento do seu ser como homem ou mulher, na sua vida afetiva, pessoal e social, de modo que sejam capazes de viver como seres plenamente humanos, livres e responsáveis” (1979: 773-774).

1.2 MODALIDADES DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Educação sexual formal

A educação sexual em contexto formal é, numa perspetiva de direitos humanos, uma urgência educativa. A nível internacional há documentos⁵ que recomendam (UNESCO,2010).

De acordo com López Sanchez (1990:98), a educação sexual formal é um processo intencional e programado através do currículo. Um currículo comporta elementos básicos a saber:

- 1º) Objetivo e conteúdos gerais: o quê e para quê ensinar?
- 2º) Objetivo e conteúdos específicos: quando ensinar?
- 3º) Planificação de atividades: como ensinar?
- 4º) Avaliação da aprendizagem: o quê, como e quando avaliar?

Já Vaz, et al., (1996:21) defendem que a E.S. Formal e não formal referem-se a processos de aprendizagem sistemática desenvolvidos por profissionais. Estes são responsáveis pela programação de atividades em consonância com objetivos e conteúdos, explicitados e estruturados de forma

⁵ De entre os mais recentes sobre o direito à educação em sexualidade, veja-se por exemplo, o *informe del relator especial de las Naciones Unidas sobre el derecho a la educación, aprobado na 65ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, em julho de 2010.*

coerente. Ambos os processos apelam à consciencialização da aprendizagem e por isso também se podem denominar como E.S. Intencional.

A educação sexual intencional é absolutamente necessária, para suplantar as falhas da aprendizagem incidental, mas não suficiente, pois a ES Informal está omnipresente e tem um papel preponderante sobre a ES Formal e não Formal, atuando paralelamente, de forma difusa e interativa (Ibidem.)

Nesta ordem de pensamento a Associação para o Planeamento da Família (APF) defendendo a educação sexual não formal como todos os processos intencionais de educação no âmbito da sexualidade Humana, desenvolvidos na escola extra -curricularmente e ou paralelamente ao sistema educativo formal (por exemplo, através de associações de intervenção social, de voluntários, organismo de apoio à juventude) (APF, 1967, in Vaz, et al.,1996:22).

Educação sexual informal

O critério básico da sua diferenciação é a intenção curricular ou não. A ES formal assume o contexto Escolar e o agente Professor como meio educativo por excelência e a ES não formal viabiliza a educação intencional através de agentes alternativos, ainda que privilegie aqueles. (Vaz, et al.,1996).

Segundo López Sanchez (1990), a ES incidental é determinada pelas experiências do quotidiano, acontece de forma espontânea não consciencializada, apelando para aspetos emocionais, decorre durante todo o desenvolvimento humano e representa uma vinculação aos modelos sexuais proporcionada pelos pais e familiares, contribuindo para a consolidação de relações psicoafectivas. Os agentes que mais atuam nestas aprendizagens incidentais, não intencionadas são a família, figuras de apego e de identificação, os pares / parceiros sexuais são fonte principal de informação, bem como os livros/vestuários etc.

1.3 MODELOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Depois de focarmos no processo de mudança de comportamento e de debruçarmos sobre as especificidades dos modelos da educação para a saúde (EpS) propormos agora e percebermos os modelos da educação sexual (ES).

Assim, segundo Vaz, J.M., Vilar, D., e Cardoso, S., (1996:35-44) podemos considerar cinco modelos de Educação Sexual conforme se especifica:

Modelos impositivos de educação sexual

São considerados modelos impositivos aqueles modelos de ES que, com base em razões de ordem religiosas ou ideológica, têm como objetivo fundamental a veiculação de normas de comportamento

sexual rígidas. Nestes modelos, a sexualidade humana é entendida como uma área em que devem ser adotados determinados comportamentos e regras de conduta limitativos das decisões. Dentro de um modelo impositivo surgem binómios como normal/anormal ou saudável/patológico.

De entre estes modelos impositivos, aparece o modelo conservador pelas referidas normas rígidas que impõe. Neste modelo a sexualidade é valorizada negativamente. Nas posições mais radicais deste modelo, a sexualidade é vista como um impulso intrinsecamente negativo que deve ser submetido a um severo controlo. A sexualidade é justificada com fins meramente reprodutivos, portanto também em contextos que legitima a reprodução, ou seja, a sexualidade é legitimada aos casais casados. As expressões sexuais fora destes contextos não são desejáveis e, por isso, têm de ser controladas.

Modelos de ruptura impositivos

Estes condicionaram as leituras da sexualidade com base nas suas relações político-ideológicas. A questão central para este modelo é a existência de uma moral sexual repressiva, protagonizada pelos vários aparelhos ideológicos do Estado e, entre eles, o sistema educativo, contra o qual há a necessidade de travar um combate ideológico através da proposta de uma moral sexual alternativa no contexto histórico particular: movimentos estudantis dos anos 60 e 70 do século passado. Este modelo é hoje pouco significativo no contexto da educação sexual.

Modelos médico-preventivos

Estes modelos preocupam-se essencialmente com os comportamentos fisiológicos e médicos da sexualidade. Este modelo de ES é característico quer da intervenção de muitas instituições de saúde, quer dos próprios programas de ciências Naturais e Biologias em utilização nas escolas portuguesas. (Idem., 39-41).

Os objetivos centrais dos modelos preventivos são:

- A aquisição de conhecimentos sobre a anatomia e fisiologia da reprodução e as doenças sexualmente transmissíveis (sintomas e meios de tratamento);
- O conhecimento dos métodos contraceptivos e das formas mais eficazes de prevenir o contágio da DST.

Modelo de desenvolvimento pessoal

Trata-se de um modelo que procura integrar os componentes de natureza biológica com outros de tipo psicossocial. Este modelo parte de um conceito de sexualidade que integra várias vertentes:

- Uma vertente biológica, constituída pelo conjunto de fenómenos que fazem do nosso corpo um corpo sexuado (anatomia e fisiologia da sexualidade e da reprodução, respostas sexual humana);

- Uma vertente psicológica, que engloba processos como a identidade de género (aquisição de papéis sexuais), a orientação sexual (ou seja, a hétero, homo e bissexualidade), a auto-imagem e a construção da identidade sexual e todo o processo relacional, em particular, as relações afectivos-sexuais;

- Uma vertente social, que engloba as discussões dos valores e atitudes, os modelos morais que recobrem as vertentes anteriores (Vaz, J.M., Vilar, D. e Cardoso, S., (1996:36-37).

O modelo de desenvolvimento pessoal, ou também denominado de modelo de “desenvolvimento pessoal e social” por Vaz et al., (1996:45), integra as várias dimensões da sexualidade, referidas por Frade et al., (2010) e López & Fuertes (1999) e pressupões um conceito de ES que aborda questões tais como:

- ❖ O corpo (anatomia e fisiologia da sexualidade e da reprodução);
- ❖ Os comportamentos sexuais;
- ❖ A orientação sexual;
- ❖ Assexualidade ao longo da vida;
- ❖ A sexualidade nas relações afectivas;
- ❖ A discussão e clarificação de valores e atitudes face à sexualidade;
- ❖ Aspectos sociais da sexualidade (leis, abuso sexual, exploração sexual,);
- ❖ Complicações, dificuldades e doenças relacionadas com a sexualidade;
- ❖ Formas de prevenção e apoios existentes.

Nesta perspetiva de Vaz et al., (1996:45), este será o modelo mais adequado aos dias de hoje numa abordagem de ES em contexto escolar, tendo sempre em conta de que a ES é um processo contínuo, que deve promover o debate e a escolha crítica, primar pela flexibilidade dos conteúdos e promover a autonomia.

1.4 COMPORTAMENTO DOS PROFESSORES E DOS ALUNOS NO ENSINO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Segundo Antunes, o educador deve ser encarado como um mestre, que para além da matéria que ensina, também tem a capacidade de ensinar a ser: (...).

“O educador é alguém que ensina algo mais que a sua especialidade, algo que não se encontra nos livros, algo que não conduz a um saber-fazer mas a um saber-ser. A sua especificidade revela-se naquilo que acrescenta aos conteúdos (grande parte das vezes) já petrificados nos livros: a forma como apresenta esses conteúdos, o modo como os relaciona com a vida e os adapta aos alunos, as questões que levanta ou que leva os alunos a formular, os pontos alternativos que surge ou que leva os alunos a sugerir, etc.” (2007: 165).

Para além deste aspeto e no caso da educação Sexual, esta confiança permitirá que o educando não sinta qualquer espécie de constrangimento em colocar dúvida e receios juntos do educador. A relação interativa entre professor e aluno que é baseado no denominador afetivo, no carinho, no diálogo, possibilita sensações de bem-estar e um ambiente promotor de novas aprendizagens.

No entender de Andrade (1995), para a educação dos afetos é necessário desenvolver a confiança entre professor e alunos, e para que esta se desenvolva é conveniente atender a determinadas premissas:

- ❖ iniciar o diálogo sobre uma vivência comum, entre professor e alunos, centralizado na pessoa e não no problema do discurso;
- ❖ convidar os alunos a utilizar o “eu” e não o “nós” , mais despersonalizante;
- ❖ nunca contestar as suas crenças ou pontos de vistas;
- ❖ concordar com diferença de opiniões;
- ❖ (.....) (Andrade, 1995: 16)

Um estudo recente de Reis e Vilar (2006), (in Anastácio, 2007:554), realizado em Portugal, com 176 professores de segundo e terceiro ciclos do ensino básico e de ensino secundário (76% de sexo feminino e 24% de sexo masculino, com média de idades 38,92 anos), com o propósito de avaliar as suas atitudes face à Educação sexual, revelou que os professores tinham atitudes positivas, o que dificultava a explicação para o seu fraco envolvimento em atividades de educação sexual.

Haignere et al., (1996) num estudo com 97 professores norte americanos (incluindo grupos de foco e um levantamento), sobre os níveis de recetividade e conforto na abordagem da “educação para a Sexualidade”, também verificaram que mais de 60% dos professores se sentiam confortáveis e confiantes para ensinar este tópico, embora apontassem diversos obstáculos relacionados com as estratégias.

Todavia, Fok (2005), num estudo no Japão, verificou que 33% dos professores das escolas secundária (incluindo diretores), não concordavam com os princípios definidos para a ES, sendo isso um dos maiores obstáculos à sua implementação.

Num estudo qualitativo realizado em São Tomé e Príncipe, Cohen (2011:23) afirma que a escola deve ser uma instituição de esperança onde os alunos através do diálogo com os (as) seus (suas) professores (as) possam obter informação que os leve a adotarem decisões mais saudáveis. (Cohen, 2011: 23), “Os programas na área da saúde têm que incidir sobre uma camada que ainda não iniciou a vida sexual de maneira a terem um impacto que se traduza na não relação precoce”.

De acordo com este autor, é curioso ver que em São Tomé, à semelhança dos outros países Africanos de expressão portuguesa, a sexualidade está presente nas danças, na música, nas manifestações culturais, mas por outro lado, os pais pouco dialogam com os filhos.

Neste sentido, José Machado Pais (2012:135-138) reportar, que nas gerações anteriores falar de E.S entre pais e filhos era algo difícil e complicado. Hoje em dia, já se fala abertamente da educação sexual tanto na escola como em casa, o que deixou de ser um “tabu”, mas ainda com algumas limitações. O diálogo dos pais para seus filhos resumisse muitas das vezes na prevenção dos riscos associados à prática sexual, e o mais focado é a gravidez indesejada do que as doenças sexualmente transmissíveis, como podemos verificar “...quando o tema é abordado entre pais e filhos, a educação sexual aparece confinada a aspectos da chamada saúde reprodutiva, como se não houvesse necessidade de falar de sentimentos, prazeres, emoções. A preocupação dos pais é a de poderem surgir gravidezes imprevistas”. O que mostra que na ordem da preocupação dos pais está primeiro a gravidez indesejada e só depois as Dst’s. O autor destaca que há pais que deixam este assunto ao critério da escola, dos amigos e dos outros meios, mas também há alguns pais e professores que não sabem lidar com a sua sexualidade, o que torna difícil serem um modelo de conduta sexual correta para os jovens.

2 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ATUAL EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE: LEGISLAÇÃO E DOCUMENTOS ORIENTADORES

A primeira documentação legal sobre educação sexual nas escolas Santomense aparece com o *Decreto-lei n.º 67/1995* intitulado “*Introdução da educação em Matéria de População e para a Vida Familiar nas Escolas*”, que veio contemplar a educação sexual no meio escolar, (ver [Anexo I](#)).

De acordo com o supracitado decreto-lei o Projecto *Introdução da Educação em Matéria de População e para a Vida Familiar nas escolas* visa: “entre outros objectivos, contribuir para a formação integral e harmoniosa dos jovens, nas questões que se relacionem com a população e a sua evolução, o meio ambiente, o bem-estar familiar, a educação sexual, entre outras”. Para a concretização dos objetivos, numa primeira fase a sensibilização e elaboração do manual didático, e numa segunda fase atingiu o seu ponto mais alto que foi a experimentação nas escolas desses materiais. Este mesmo artigo define que supracitada matéria deve integrar os seguintes níveis: da 5^a a 8^a classe e as respetivas disciplinas⁶.

Importa referir que passando uma década surgiu o segundo normativo, o *Decreto-lei n.º 17/06 (2006) Educação em Matéria de Saúde Sexual e Reprodutiva e Vida Familiar (EMSSRVF)*, é institucionalizado o ensino de educação em matéria de saúde sexual e reprodutiva e vida familiar em todas as escolas primárias e secundários estatais, assim como no Instituto Superior Politécnico a partir do ano letivo 2003-2004, como podemos verificar no 1º artigo, defende o seguinte: “(...) é institucionalizado o ensino de educação em matéria de saúde sexual e reprodutiva e vida familiar (EMSSRVF) em todas as escolas primárias e secundárias estatais, assim como no Instituto Superior Politécnico a partir do Ano Lectivo 2003 / 2004”.

O *Decreto-lei n.º 17/2006*, do Diário da República de São Tomé e Príncipe, n.º 22, de 21 de Junho, vem estabelecer um conjunto de princípios e regras da concretização da educação sexual em meio escolar, desde a 1^a Classe até ao 11^a Classe, tendo como finalidade, entre outras, “contribuir para a formação integral e harmoniosa de adolescentes e jovens nas questões que se relacionam com a saúde e direitos sexuais e reprodutivos e bem-estar familiar, entre outros. Considerando que a finalidade do programa é a institucionalização de EMSSRVF a todos os níveis de ensino Básico e

⁶ 5.^a Classe – Estudos Sociais, Ciência Naturais e Língua Portuguesa;

6.^a Classe – Estudos Sociais, Ciências Naturais e Língua Portuguesa;

7.^a Classe – Geografia, Biologia e Língua Portuguesa;

8.^a Classe – Geografia, Biologia e Língua Portuguesa.

secundário, os resultados têm sido bastante positivos (Decreto-lei n.º 17/2006) ” Educação Sexual em Matéria de saúde Sexual Reprodutiva e Vida Familiar.

A ES nas escolas de São Tomé e Príncipe é uma das tarefas principais do governo. Há vários documentos governamentais que regulam a educação formal no país.

Neste leque de documentos podemos destacar o *Manual do Aluno “Língua Portuguesa” para 7.ª classe – “Educação em Matéria de Saúde Sexual e Reprodutiva e para a Vida Familiar”*⁷. Neste manual os autores convidam os alunos a escolher temas, a tomarem posições e a propor soluções para casos comuns no quotidiano, cujo objetivo é proporcionar aos alunos de 7.ª classe oportunidades de reflexão acerca de comportamentos sexuais negativos e positivos e as suas consequências. Ao professor é incumbida a responsabilidade de debater de uma forma pedagógica com os alunos cada história de forma a proporcionar-lhes mudanças de atitudes e do comportamento face a sexualidade.

Vale a pena registar que o conteúdo da ES no manual de 8.ª classe ser mais particularizado:

- 1º) Sexualidade e saúde reprodutiva;
- 2º) Direitos reprodutivos e saúde reprodutiva;
- 3º) Direitos reprodutivos e sexuais;
- 4º) Desenvolvimento humano;
- 5º) Prazer sexual e sua realização;
- 6º) Gravidez na adolescência;
- 7º) Contraceção;
- 8º) O aborto;
- 9º) A esterilidade;
- 10º) Infecções sexualmente transmissíveis;
- 11º) Sida”.

Parece particularmente importante registar a *Lei n.º 2 / 2003*, aprovado em 2 de Junho, que estabelece o quadro geral do Sistema Educativo atual em São Tomé e Príncipe, como podemos ver na Figura 2. 1. Esta lei no capítulo II estabelece a “Organização do sistema educativo”, conjugando com o seu artigo 4.º, mais precisamente no ponto 1.º, podemos constatar o seguinte na alinha 3, “A educação escolar compreende dos ensinamentos básicos, secundário e superior, integra modalidades especiais e inclui actividades de ocupação de tempos livres”.

⁷ Teixeira, D., et al (2000: 4)

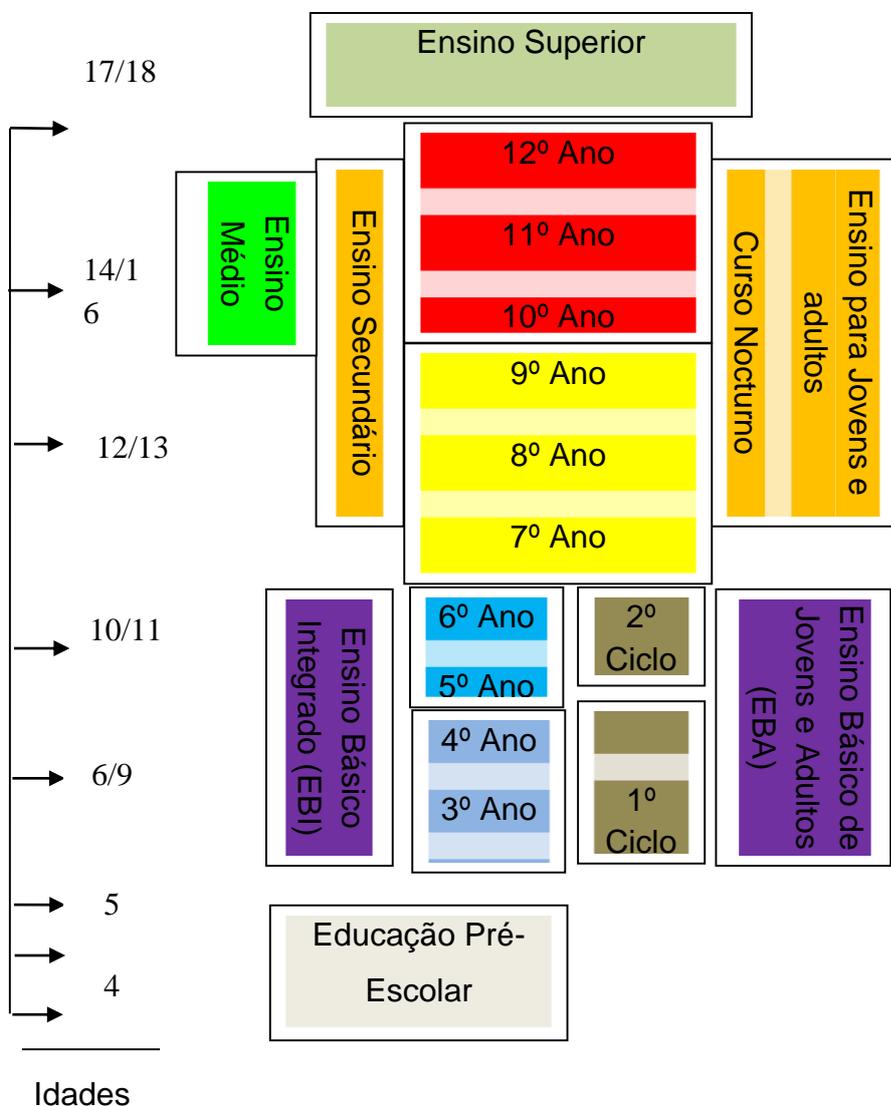


Figura 2. 1 - Estrutura do sistema educativo Santomense (Lei base 2003)

O decreto-lei nº 27/2010 que estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão do currículo e a avaliação das aprendizagens no primeiro e o segundo ciclo do ensino secundário trouxe uma nova organização curricular, surge pela primeira vez no sistema do ensino são-tomense no ano letivo 2011/2012, uma disciplina intitulada “educação para a saúde”, sendo a educação sexual e saúde reprodutiva integrada no currículo nacional.

Componentes de Formação	Disciplinas	Carga Horária Semanal		
		7. ^a	8. ^a	9. ^a
GERAL	Língua Portuguesa	5	5	5
	Francês	2	2	2
	Inglês	3	2	2
	Matemática	4	4	4
	Educação Física	2	2	2
SUBTOTAL		16	15	15
ESPECÍFICA	Física	2	2	2
	Geografia	2	2	2
	História	2	2	2
	Ciências Naturais	2	2	2
	Química	-	2	2
SUBTOTAL		8	10	10
TECNOLÓGICA	Educação Visual e Oficinal	2	2	2
SUBTOTAL		2	2	2
ÁREAS DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR	Formação Cívica e Ambiental /Educação para a Saúde a)	2	2	2
SUBTOTAL		2	2	2
TOTAL		28 + 2 b)	29 + 1 b)	29 + 1 b)

- a) As áreas de enriquecimento curricular devem ser incentivadas em cada estabelecimento de ensino, devendo para isso ser elaborado um plano anual de desenvolvimento destas actividades que podem ter a forma de ateliers, seminários, trabalhos de grupo ou outros considerados relevantes.
- b) Tempo destinado à Direcção de Turma.

Figura 2. 2 – Plano de estudos do Curso de Ensino Geral do 1º Ciclo do Ensino Secundário (decreto-lei 27/2010)

Assim, no 1º ciclo⁸ do ensino secundário, mais precisamente na 7ª Classe, a referida disciplina inclui temas, conteúdos, objetivos e competências nas seguintes áreas: alimentação saudável; consumo de substâncias psicoativas: álcool, tabaco e outras drogas; prevenção da violência e finalmente a *educação sexual e saúde reprodutiva*. Especificamente, o capítulo "educação sexual e saúde reprodutiva" abrange os seguintes temas: a) puberdade; b) sexualidade; c) reprodução humana; d) gravidez na adolescência; e) planeamento familiar; f) aborto; g) infeções sexualmente transmissíveis (Projecto Escola +⁹, 2011: 39-60).

Em guisa de conclusão, a atual situação da ES formal articulada com a educação para a saúde surge como uma via alternativa para promover a adoção/modificação de comportamentos e atitudes saudáveis dos/as jovens alunos, reconhecendo o impacto positivo que pode ter na saúde das pessoas, e como um direito de todos os cidadãos em qualquer fase da vida.

⁸ De acordo com a lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 2/2003), no seu artigo 10.º no ponto 3. O ensino secundário compreende dois ciclos, sendo cada um de três anos (1.º Ciclo -7.ª,8.ª e 9.ª classe & 2.º Ciclo 10.ª, 11.ª e 12.ª Classe)

⁹ Projecto Escola + - Dinamização do Ensino Secundário, 2009 – 2013.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Uma vez finalizada a fase conceptual que consolidou a problemática de base patenteia-se agora o momento em que traçamos as opções metodológicas inerentes à investigação empírica.

Este estudo tem como finalidade produzir conhecimento sobre a temática do ensino da Educação Sexual na sociedade são-tomense, recolhendo assim um conjunto de dados facilitadores da compreensão do papel desempenhado pelos professores na construção da sexualidade e o papel da educação para a sexualidade, não só na prevenção da gravidez precoce e das IST's, mas também, na construção de um projeto de vida com sentido.

Ao nível da sua consecução, utilizou-se uma metodologia de *natureza qualitativa, descritiva e exploratória*. A opção por esta metodologia deve-se ao facto de consideramos ser a mais adequada aos nossos objetivos, uma vez que, como afirmaram Bogdan e Biklen (1994:47-51), a investigação qualitativa possui cinco características que são:

- 1) Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente e a natureza, constituindo o investigador o instrumento principal;
- 2) A investigação qualitativa é descritiva;
- 3) Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos;
- 4) Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva;
- 5) O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

O estudo é considerado exploratório porque pretende explorar a problemática em causa, ou seja, descobrir e clarificar conceitos “em cujo domínio existe pouco material bibliográfico” (Fortin, 1999: 69). A literatura aborda muito a importância da educação sexual em contexto escolar, porém poucos são os trabalhos científicos que se dedicam especialmente a esta problemática em São Tomé.

Optámos pela realização de entrevistas como técnica de recolha de dados por ser este um instrumento que permite obter dados descritivos da linguagem do próprio, possibilitando o investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a forma como os participantes interpretam os fatos do mundo (Bogdan e Biklen, 1994).

A partir do universo de professores foram selecionado os professores a entrevistar através da lista de professores Biologia, Ciências Naturais e Educação para Saúde facultada pelo departamento de Estatística do Ministério de Educação Cultura e Ciência de São Tomé e Príncipe, que continha o nível académico dos docentes, o local de residência, a disciplina que leciona e o contacto de telemóvel. Foram condições prévias à inclusão na listagem dos professores elegíveis para a entrevista, as seguintes:

- a) Ser professor do ensino secundário;
- b) Lecionam mais de um ano;

c) Lecionaram já matéria ligado a Educação Sexual (vida familiar ou educação para Saúde).

A seleção dos professores presidiu a importância de garantir a heterogeneidades dos mesmos diversificando o seu perfil em função do tempo de serviço e do tipo de experiência em lecionar ES. No final, aceitaram ser entrevistados os professores, cujo perfil consta no Quadro 3. 1.

Quadro 3. 1 – Perfil dos professores entrevistados

Ent.	Sexo	Idade	Formação Inicial	Total tempo docência	Tempo docência E.S	Casado	Nº Filhos	Nº Mulheres
1	M	52	Curso Médio em Agronomia	15 Anos	5 Anos	Sim	9	2
2	F	33	Formação média em Floresta e Meio Ambiente	10 Anos	3 Anos	Não	2	----
3	F	51	Formação média “Biologia Química”	30 Anos	5 Anos	Não	4	----
4	F	49	Licenciada em Direito	25 Anos	3 Anos	Não	1	----
5	F	53	Formação média em Biologia Química	35 Anos	4 Anos	Viúva	7	----
6	F	49	Formação média em Ciências Naturais - Biologia	28 Anos	18 Meses	Viúva	4	----
7	M	56	Bacharelato em Biologia	35	25	Não	4	1
8	M	41	Licenciatura em Biologia	17 Anos	----- ---	Não	3	1
9	M	31	Licenciado em Ciências Biológicas	7 Anos	3 Anos	Não	1	1
10	M	46	Bacharelato em C.N e Mat. /Mestrado em qualidade de Segurança Alimentar	26 Anos	24 Anos	Não	5	1
11	F	59	Licenciatura em Biologia/Mestre em Ensino das Ciências	33	Desde início de SSR	Sim	2	----
12	M	36	Licenciatura em Biologia	16 Anos	-----	Sim	2	1
13	M	36	Bacharelato em C.N /Licenciatura em Ensino da Biologia	17 Anos	11 Anos	Não	2	1
14	M	53	Curso médio em Biologia Química	30 Anos	5 Anos	Não	4	1
15	F	35	Licenciatura em Biologia	15 Anos	14 Anos	Sim	2	----

Realizaram-se entrevistas semi-estruturadas a estes professores, o que implicou a elaboração prévia de um guião (ver [Anexo III](#)), que se define como um conjunto organizado de questões abertas de ordem geral, introduzindo-se sub-questões mas precisas e próximas do objetivo específicos do estudo, que estruturam a intervenção junto dos entrevistadores.

Assim, objetivos das entrevistas foram:

- a) *identificar atividades desenvolvidas;*
- b) *identificar as dificuldades sentidas;*
- c) *conhecer o comportamento dos alunos, professores e família;*
- d) *conhecer as sugestões de alterações.*

Genericamente este trabalho passou por algumas fases: *1ª Construção do Guião da Entrevista;* *2ª fase realização de entrevista e por fim 3ª fase transcrição das entrevistas e análise de conteúdo das mesmas.*

1ª Fase: construção do guião da entrevista

Na construção dos guiões de entrevistas teve-se em conta a necessidade de legitimar a entrevista e motivar o entrevistado o que constitui o primeiro bloco do guião. Assim, numa primeira parte de entrevista foram explicitados os objetivos e propósitos do estudo, bem como o que se espera da participação do entrevistado e destacam-se a importância de cada um para a investigação.

No momento de realização de entrevista começamos por ao longo da entrevista mantivemos a motivação dos participantes, estabelecendo uma relação de empatia prestando o máximo de atenção ao que o entrevistado afirmará, acenado com a cabeça e utilizando expressões faciais adequadas. Ao longo da entrevistas procurámos ser flexíveis na ordem das respostas no sentido de garantirmos uma maior liberdade de expressão dos participantes e, assim obter “uma riqueza de dados, recheado de palavras que revelam as perspetivas dos respondentes”(Bogdan e Biklen 1994 p.136).

2ª Fase: realização da entrevista

Nesta fase solicitámos aos participantes autorização para gravar as entrevistas, tendo garantido o anonimato de todas as informações que nos prestariam.

A realização das entrevistas decorreu no território de São Tomé, em 3 escolas do país (2 na capital do país e 1 nos arredores), nos Ministérios e direções estatais, sendo que não tínhamos um lugar fixo para sua realização, o que dificultou um pouco o trabalho, havendo por vezes intervenção de pessoas externas ao trabalho empírico. Esta presença de terceiros, acabou por intimidar alguns a sua linha de pensamento. Em São Tomé alguns dos entrevistados não tem uma única profissão “ser professor”, há entrevistados que possuem outros postos de trabalho, e algumas das entrevistas foram realizadas noutras direções estatais, por estes entrevistados se sentiram mais à-vontade. Para as

entrevistas feitas no ministério de educação os entrevistados mostraram-se tímidos a falar da sua experiência. Nestes casos foi possível notar algum receio de alguns professores na partilha de alguns exemplos, talvez por “eu” ser do sexo feminino e também por pertencer ao quadro técnico do Ministério de Educação. Houve um entrevistado que pediu para rever a gravação da entrevista no final, de modo a confirmar não ter dito algo comprometedor.

Este conjunto de condições “difíceis” de condução das entrevistas, penso que tenha influenciado de qualquer modo as respostas dos entrevistados.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio para posterior transcrição e análise.

3ª Fase: transcrição das entrevistas e análise de conteúdo das mesmas

Depois de gravadas, as entrevistas foram integralmente transcritas e sujeitas a análise de conteúdo.

Tal como verificou Bardin que a análise de conteúdo é: “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2004: 37). Mais adiante, Bardin (2004: 38) defende que a análise conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça.

4 EDUCAÇÃO SEXUAL EM SÃO TOMÉ: A VOZ DOS PROFESSORES

Neste ponto, iremos analisar as informações recolhidas através das entrevistas realizadas aos professores. Os resultados serão exibidos em função das categorias que surgiram da análise de conteúdo das entrevistas. A escolha da unidade de contexto corresponderá à resposta dada pelos entrevistados a questões colocadas pela entrevistadora.

4.1 OBJETIVOS E FINALIDADES DE EDUCAÇÃO SEXUAL NO SECUNDÁRIO E OS CONTEÚDOS MAIS FOCADOS

No que toca aos *objetivos do programa de educação sexual formal* no secundário foi possível destacar de forma positiva que todos os sujeitos sabem o que a escola realmente pretende passar para os alunos. Apesar de algumas respostas não serem muito completas e profundas, depreende-se que os objetivos iniciais são alcançados, destacando-se o propósito de que os alunos obtenham a verdadeira noção do que é a sexualidade, que conheçam os métodos preventivos da gravidez e as DST'S e, também, as possíveis alterações do corpo, de modo que, ao saírem do ensino fundamental, estejam preparados para lidar com a questão da sexualidade de forma segura e sem quaisquer problemas.

“(…) é orientar e reorientar os adolescentes a ter uma vida futura sã(…), e vendo a sexualidade como algo que é normal, mas á aplicação ou seja entrar na vida sexual ativa (…), exige responsabilidade e nessa altura(…), tem que ter os conhecimentos (…)básicos, para saber orientar a vida e evitando essas práticas e experiências prematuras que podem (…) vir desastres e outros. Desastres, (…) é uma gravidez precoce ou uma gravidez indesejada e nessa altura como estudante (…), atropela tudo da vida.” (cit. E10, p.2/3).

Mestre em Qualidade de Segurança Alimentar, 46 anos, 26 anos de serviços, solteiro.

O sentido de prevenção como objetivo do programa da educação sexual formal é realçado pela uma professora licenciada em biologia, referindo que:

“(…) alertar os alunos para uma vida sexual segura, evitar (…) a gravidez na adolescência (…) são também objetivo dessa matéria acima de tudo é evitar a gravidez e prevenir as doenças sexualmente transmissíveis.” (cit. E8,p.3).

Licenciado em Biologia, 41anos, 17 anos de serviço, solteiro.

Outra professora prefere destacar o objetivo do programa de educação sexual formal como:

“… evitar gravidez indesejada, educar sexualmente e ter contacto sendo que ainda é um tabus na sociedade quanto a este assunto, (…) é mais para os alunos terem conhecimento e não meterem os “pés pelas mãos” porque estão numa fase em que eles são muitos curiosos e curiosíssimos e então está fase (…) temos que entrar, falar, conversar, chamar atenção e dar conselhos.” (cit. E2, p.4).

Curso médio em Floresta e Meio ambiente, 33 anos, 10 anos de serviços, solteira.

Ainda em confronto com os objetivos legais propostos e quanto aos *conteúdos mais focados* os sujeitos referiram que são diversos os conteúdos abordados nas escolas, tais como: o planeamento familiar, a saúde e responsabilidade na sexualidade e a dimensão afetiva, Sida, DST'S, preocupações sociais e pessoais dos jovens, a prevenção da toxicodependência, área de formação pessoal e social que pode ter como componentes a educação ecológica, a educação do consumidor, a educação familiar, a prevenção de acidentes, a educação para a saúde, a educação para a participação nas instituições, serviços cívicos, à reprodução humana, e outros do mesmo âmbito. Neste sentido, é de louvar o facto de os alunos terem contato com vários temas de educação sexual. Contudo, os temas onde tem havido uma maior ênfase, que provocam grande interesse nos alunos e que, de uma forma ou de outra, gostam de ouvir e, finalmente, onde há um maior esclarecimento, são a gravidez precoce e os métodos contraceptivos. Estes temas têm grande importância e os docentes focam-nos muito, isto porque têm surgido muitos casos de adolescentes grávidas, o que acaba por trazer grandes consequências na vida dos adolescentes. Dentro desta problemática alguns sujeitos mostraram-se preocupados com o tema da gravidez, devendo-se isto ao elevado número de gravidezes indesejadas que têm ocorrido no contexto escolar e as consequências subjacentes.

“ Conceito de sexualidade, função dos órgãos sexuais, ciclo menstrual e menstruação, constituição de órgão sexual feminino interno, constituição do órgão reprodutor feminino externo, constituição do órgão sexual masculino interno, conceito da adolescência e transformações, mudanças sociais e relações, família adolescência, gravidez precoce, contraceção na adolescência, classificação dos métodos contraceptivos, infeções sexualmente transmissíveis, o SIDA e o sistema de defesa do organismo.” (cit.E5,p.1).

Formação média em Ciências Naturais e Biologia, 53 anos, 35 anos de serviços, Viúva.

“(…) sobre ejaculação. (...) maturidade biológica (...)”; sendo os alunos estando numa fase da vida em que ocorrem grandes (...) as transformações (...) no corpo (...), menstruação, ejaculação, e também (...) de caráter sexual primário e secundário e essas coisas todas e são transformações (...) e mais ou menos essas coisas assim, essas abordagens.” (cit.E3, p.2/5).

Formação média em Biologia Química 51 anos, 30 anos de serviços, solteira.

“...uma gravidez indesejada que de facto traz consequências para a vida futura. Uma aluna que fica grávida, ela automaticamente sofrerá alguns transtornos, é transtorno familiar, é transtorno mesmo na escola, está tensão por parte dos colegas, é abandono de vez em quando da própria família, e por consequência o atraso, muitas vezes a criança nunca mais consegue dar um passo e portanto nessa ótica nós temos que prepara-los para que evitem, então falando dos métodos contraceptivos, (...), os contraceptivos mais aceitáveis e (...) a utilização do preservativo e por isso mesmo nós mostramos o preservativo como material de borracha, e até nós sensibilizamos e mostramos como é que o preservativo deve ser colocado e (...) devem utilizar para evitar de facto uma gravidez não desejada. Nós consideramos o preservativo como material mais apropriado, mais indicado, contraceção mais indicada porque ao mesmo tempo que evita uma gravidez não desejada evita também

as doenças, as IST que são infeções sexualmente ativas que também pode chamar DST, doença sexualmente ativa, mas hoje chama-se mais as IST que são infeções sexualmente ativas.” (cit.7. p.2).

Bacharelato em Biologia, 56 anos, 35 anos de serviços, solteiro.

Referindo-se aos conteúdos mais focados nas aulas de ES formal, um professor elenca:

“(…)a questão de puberdade e questão do corpo e depois nós vamos falar sobre a sexualidade e (…)muita gente confundi a sexualidade e sexo, são coisas completamente diferentes e (…)sobre o planeamento familiar, (…)as doenças sexualmente transmissíveis e (…) menstruação, a fase de fecundação do óvulo pode dividir ao meio e dar origem a duas pessoas, dois seres. (…) Falamos de planeamento familiar, (…) aconselhamos (…) quando o aluno apresenta dúvida a gente diz, (…) nós aconselhamos a ir ao local Centro materno infantil e aí vocês vão ver a expressão correta sobre o planeamento familiar, mais é para vocês ficarem a saber já desde principio que não é só para mulher que vai para o planeamento familiar, esse tabus que é só mulher que vai para planeamento familiar, (...), vão os casais, então os dois estão bem informado e ai podem fazer o planeamento familiar de uma forma mais correta e eficiente, e também falamos da Dst’s, e a mais perigosas que é a IVH SIDA, (...) os métodos, (...) a melhor forma para se evitar isso é praticar abstinência ou então usar preservativo, mais ou depois digo não é para ninguém fazer isso por enquanto, porque agora o vosso namorado é caderno e livro tendo em conta a realidade e então eu digo eu tenho o número de telefone de todos os pais, ai de um que eu ouvir que está namorar aqui e eu telefono o pai rapidamente e a turma começou só a rir (...)” (Cit. E1, p.4).

Curso médio em Agronomia, 52 anos, 15anos de serviço, casado.

É de concluir que São Tomé e Príncipe se foca no “*Modelo de desenvolvimento pessoal e social*” citado por Vaz et al., (1996:45), conforme o plano curricular do ensino geral do 1º ciclo de secundário, incluindo a disciplina de Ciências Naturais para as classes de 7º, 8º e 9º ano, abordando-se temáticas de E.S: características anátomo-fisiológicas da reprodução humana, métodos contraceptivos e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, aspetos biológicos, a SIDA. Para o 7º ano há ainda uma disciplina específica denominada “*Educação para a Saúde*” que faz parte das áreas de enriquecimento curricular, onde são abordados diversos temas relacionado com a temática de ES e deve ser incentivada em cada estabelecimento de ensino.

4.2 ATUAÇÃO DOS PROFESSORES: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E COMPORTAMENTOS E ATITUDES

Atividades desenvolvidas

Sobre as atividades desenvolvidas, concluímos que existem algumas atividades e estratégias aplicadas com os alunos. Neste sentido, para disseminarem os seus conteúdos, os professores fazem uso do manual escolar (folheto) e a comunicação oral baseado em modo de “diálogo” entre professor e

alunos. O modo “diálogo” é essencial, predominante e fortemente utilizado dentro da sala de aula nas atividades desenvolvidas, procurando dar-se uma abertura para que os alunos possam sentir-se à vontade para participar e interagir de forma a compreenderem os conteúdos.

“ ... quanto a sexualidade eu venho para sala de aula, (...) eu pergunto: vocês nasceram assim? É uma das estratégias. Eu pergunto logo, nasceram assim?- Não, não professora. Nós eramos bebês e depois fomos crescendo e tornamos crianças. -E agora, vocês acham que são crianças? E então eles agora vão explicar, não nós eramos crianças e agora somos adolescente.” (cit.E2, p.2).

“(…), e eu conto a minha história, e eles deles e contam de vizinho ou de muitas famílias o que acontece na sociedade (...) uma menina foi violada ou um menino sofrer qualquer tipo de agressão de abuso e não sei o quê.” (...) “Nós normalmente aqui fazemos intercâmbio e fazemos visitas e uma professora vai a outra turma e interagi com os alunos, e mesmo os alunos também, fazemos debates, fazemos perguntas e respostas, fazemos palavras cruzadas e eu faço tudo isso para os alunos, (...) e normalmente quando eu abordo sobre a sexualidade os órgãos sexual eu faço palavras cruzadas e eu faço é uma maneira de estimular mais os alunos. (cit. E2, p.3).

Formação média em Floresta e Meio Ambiente, 33anos, 10 anos de serviço, solteira.

“ ... nós fazemos (...) sempre comparação rapaz e menina, por exemplo quando falamos como é que você que nasceu? as vezes eu pergunto quando vocês vão para maternidade, quando ficamos a falar de sexo, quando vocês foram visitar alguém e vocês chegam lá e querem saber se é uma menina ou um rapaz? Através de quê que irão saber se é uma menina ou um rapaz? E eles dizem logo que é sexo. E então na medida que vocês vão crescendo e até tiverem 11 e 12 anos como é que vai ser? Quais são as transformações que vão ocorrendo? E eles vão dizendo (...) aparece pêlo, (...), mais há coisas que eles ficam com receio de dizer e a gente vai falando, e há meninos também que trazem livros e quando a gente começa a falar dessas aulas, as vezes trazem livros de biologia (...) e a gente vai passando de fila para fila para verem já algumas coisas.” (cit.E3, p.2/3)

Formação média em Biologia Química, 51anos, 30 anos de serviços, solteiro.

A par do diálogo, os professores fomentam a interação na abordagem dos conteúdos e aprendizagens, fazendo-se acompanhar esta de outros tipos de estratégias e alguns exemplos como histórias de vida e acontecimentos e vivências do cotidiano para realçar alguns assuntos. Conforme a temática a trabalhar, os sujeitos fazem debates na turma, palestras, desdobráveis, palavras cruzadas, utilizam a dinâmica de pergunta-resposta, trabalhos de grupo, visitas, intercâmbios entre salas e levam consigo alguns materiais de apoio, como mapas (aparelho genitais). Também a própria expressão facial do docente deve refletir incentivo para a aprendizagem. Apesar das estratégias serem diversificadas, o “diálogo” continua presente na transmissão dos conteúdos, dando abertura para discussões, dúvidas, questões, etc.

“(…)Há muitos exercícios práticos, como por exemplo, (...) fazemos a perguntar,(...) e então (...)cada um dá sua resposta como entender e então a gente analisa juntamente com a turma e chegamos conclusão.” (cit. E1,p.3).

Curso Médio Agronomia, 52anos, 15anos de serviço, casado.

“ (...) eu como professor (...) um pouco extrovertido. (...) a estratégia era o meu rosto, que já parecia um rosto só para rir, e quando eu aparecia todo sorridente, (...), já é uma motivação para eles, e depois a outra é começarmos, usávamos igualmente os calões, termos que eu vou dar um exemplo, se eu tiver que falar como é que se chama o órgão genital da mulher não é, o nome vulgar e então depois para introduzir noutra sentido, nos começávamos com as coisas básicas que se usa ai e depois para introduzir o científico(...).” (cit. E10, p.1/.3).

Bacharelato C.N e Mat. /Mestrado em qualidade de Segurança Alimentar, 46 anos, 26 anos de serviço, solteiro.

“ (...) nós explicamos e , (...) tínhamos um esquema aqui para abordamos, também pegamos no manual e (...)as vezes fazemos desenhos e esquemas no quadro para eles verem,(...) Desenho de uma vagina, desenho de um pênis, assim umas coisas assim para eles verem e tentar falar do esboço, (...), tentar falarem das partes que compõem o aparelho respiratório, (...), aparelho reprodutor, essas partes, ovário, vagina e tudo isso.” (cit. E.4,p.2).

Licenciada em Direito,49 anos, 25 anos de serviços, solteira.

“ (...) eu normalmente vou para os conceitos vulgais e depois para eu dizer esses conceitos científicos como se deve utilizar quando estamos em casa ou no meio das nossas famílias. (...) aula é abordada dos seguintes temas, as vezes escolhemos temas e mandamos o trabalho de grupo para eles investigarem e discutindo durante as aulas e tirando as dúvidas sobre alguns métodos que eles têm problema.” (cit.E11, p.2).

Mestre em Ensino das Ciências, 59 anos, 33 anos de serviço, casada.

Para alguns sujeitos a realização de algumas atividades nas aulas implica improvisação de materiais, pela falta dos mesmos na abordagem dos conteúdos. Apesar dos professores identificarem dificuldades não se deixam intimidar, fazendo uso de esboços e desenhos, de figuras no quadro para, por exemplo, os alunos poderem conhecer e compreender melhor a constituição de alguns órgãos. Estes esquemas são feitos para apoiar o diálogo com os alunos. Alguns dos sujeitos consideram que os materiais de apoio “manual/folheto” deveriam ter cor, de modo a ser atrativo e despertar mais interesse nos alunos, sendo estes ainda a preto e branco.

Nesta linha vemos grande esforço dos sujeitos em orientar e informar os alunos sobre a questão da sexualidade. Consideramos então, positivo, o uso de diálogo entre o professor e os alunos, dando alguma abertura para que os alunos mais tímidos possam sentir-se confiantes e exporem livremente as suas opiniões, quebrando alguns tabus existentes.

“se for temas que têm figuras que eu possa desenhar ou levar livros, sobretudo quando as fotografias são coloridas chama mais atenção e os miúdos mais interesses, e quando é assim preto e branco custa, (...), eu levo revistas coloridas e muitas das vezes faço esboço no quadro para que eles possa acompanhar e compreender e eu vou seguindo assim.” (cit. E6, p.3).

Formação média em Ciências Naturais e Biologia, 49 anos, 28 anos, viúva.

“ (...) a caso mesmo se não tivermos temos que improvisar, (...), improvisar esses materiais para fazermos entender que isto é feito desta forma, se bem que não estamos na vida prática, na vida real, mais improvisando

algum material para poder transmitir esses conhecimentos aí, essa aula ou seja a parte dessa aula que o material é improvisado.” (cit. E14, p.2).

Curso médio em Biologia Química, 53 anos, 30 anos de serviço, solteiro.

“ (...) é claro que nós motivamos, despertamos a atenção dos alunos, escutamos e então, nós portanto para além de termos abordado questões teóricas (...), nós usamos também desdobráveis, usamos alguns mapas para poderem ver, usamos (...)alguns materiais (...), apenas para demonstração, (...), então falando dos métodos contraceptivos, (...) que são diversos, (...) nós fazemo-los conhecer melhor, (...) os contraceptivos mais aceitáveis e mais eficaz (...) para o ato sexual que é a utilização do preservativo e por isso(...) nós mostramos o preservativo como material de borracha, e até nós sensibilizamos e mostramos como é que o preservativo deve ser colocado e em que momento devem utilizar para evitar de facto uma gravidez não desejada. (...) São tantas as estratégias que nós utilizamos (...), mesmo os manuais que nós utilizamos, nós também mandamo-los observar, solicitamos as dúvidas e (...) então todo o tipo de estratégia que nos aparece, é de acordo com a situação, e nós aplicamos, (...). Pessoalmente as estratégias são várias, e dependente da situação, mas tudo de modo com que os alunos possam de facto perceber (...). (cit.E7, p.2).

Bacharelato em Biologia 56 anos, 35 anos de serviços, solteiro.

Para esta professora que leciona também na zona pesqueira do país, não é necessário qualquer receio em falar do assunto e, em proveito do diálogo, inicia a sua abordagem usando o “dialecto” para os termos não científicos, ou seja, termos “terra-a-terra”, e, depois, realça os termos científicos para melhor compreensão dos alunos, uma vez que estes são da zona pesqueira e no seu dia-a-dia, no bairro, muitos deles não fazem uso do português, daí não dominarem bem a língua portuguesa.

“ (...) quando estou a falar da relação sexual, eu falo mesmo abertamente, explicando de maneira que eles entendem, mesmos se for para falar na língua nacional eu falo (...) são alunos da zona piscatória, e estão mais dedicados a sua linguagem, a maneira deles então eu falo de maneira que eles entendem e percebem o que estou a falar, por exemplo outra estratégia que eu posso dizer, fazendo perguntas. Eu pergunto e eles vão dando resposta, e quando eles não consegue responder eu explico. (...) eu passo trabalho, dou tema e eles vão investigar e trazem resposta. (...) nós fazemos peças teatrais, fazemos palestras.”, (cit. E5,p.2).

Formação média em Biologia Química, 53 anos, 35 anos de serviço, viúva.

Uma outra atividade que se faz nas aulas de ES é destacada nos discursos dos sujeitos: as campanhas de sensibilizações a nível nacional e escolar. Convidam-se oradores externos de algumas ONG'S relacionadas com a matéria para poderem falar à comunidade educativa acerca da temática.

Para alguns sujeitos este tipo de disseminação não tem grandes resultados porque é feita com um grande número de alunos e o conhecimento não é suficientemente profundo para produzir resultados efetivos.

“ (...) nós fazemos campanha de sensibilização dos alunos, fazemos campanha de todo mundo, como as vezes todo mundo é quando a passagem da mensagem não é assim tão proveitosa, as vezes dividimos por grupos. As vezes nós fazemos com todas as turmas que temos, fazemos com um grupo, fazemos com outros grupos e assim

de vez em quando também outras estratégias que nós fazemos, até mesmo jornal, no jornal nós produzimos pequenas frases que divulgam e sensibilizam os cuidados que os alunos devem ter, porque a relação sexual hoje não podemos dizer a partir de “x” idade (...)” (cit. E7, P.3).

Bacharelato em Biologia, 56 anos, 35 anos de serviço, solteiro.

Comportamentos e atitudes dos professores

Dentro das atividades desenvolvidas, os entrevistados mostraram ter comportamentos e atitudes bastante positivas e motivadoras, revelando o sentido de responsabilidade na abordagem da ES, na resolução dos problemas dos alunos, e outros que pudessem vir a surgir, conversando, chamando a atenção para os perigos inerentes à problemática e estabelecendo algumas regras dentro da sala de aula para que todos tenham a possibilidade de compreender e participar. Alguns professores sentem-se confiantes e munidos de conhecimento, considerando-se pró-ativos na sua abordagem.

“ (...) as minhas turmas não tem tido problemas maiores, normalmente estas aulas é uma aula excitante não é, (...)a aula por acaso (...) fica bastante interativa (...), e eles por acaso essas aulas eles demonstram dúvida e querem saber muita coisa. (...), eu sou desmascarado também, porque eu sei que o aluno quer, uma professora ou um professor que vai dando esta aula com receio (...), não vai conseguir chegar ao objetivo da aula, (...)porque são varias as perguntas que vão chegando e surgindo ao longo da aula e o professor tem que ser capaz, e então eu como eu já falei 100%, 95% aproximadamente eu dou minha aula sem problema e (...)e sem nenhuma dificuldade.” (cit.E9, p.1/5).

Licenciado em Ciências Biológicas, 31 anos, 7 anos de serviço, solteiro.

Os sujeitos dizem não ter receio de certos conteúdos, no entanto, por vezes, omitem algumas informações por considerarem que os alunos são demasiado novos e não estão preparados para lidarem com certos assuntos, aprendendo-os posteriormente noutras classes.

“... Eu não tenho receio em explicar (...), e pela faixa etária deles eu limito em algumas questões, (...) porque, eles não tem muita idade e há coisas que eu não posso abordar e eles poderão saber posteriormente quando crescerem ou quando (...) ou forem para 9ª, 10ª classe e ter mais idades e eles saberão melhor.” (cit.E4, p.4).

Licenciada em Direito, 49 anos, 25 anos de serviço, solteira.

(...) o professor terá que ser muito sério, porque se não, (...) ele irá acabar por ser embrulhado, pelas questões que os alunos levantam, chegam mesmo (...) falar coisas que muitas das vezes não é correto eles utilizar este termos na aula, mas o professor ai tem que ser, tem que saber segurar as aulas e segurar a turma neste momento, (...) pelo menos nas minhas aulas eu sou umas das pessoas que consegui muito bem, e consegui e estou conseguindo e hoje posso dizer que estou num bom patamar neste domínio. (cit. E14, p.2).

Curso médio em Biologia Química, 53 anos, 30 anos de serviço, solteiro.

Foram referidos alguns obstáculos relacionados com estratégias e dificuldades na abordagem do tema, entre os quais: a falta de participação dos pais, a dificuldade em alterar maneiras de pensar a

sexualidade, os tabus existentes na sociedade e a preocupação em serem confundidos e mal-encarados no papel que desempenham na transmissão de conteúdos.

“É um pouco difícil, porque para nós os professores de Ciências Naturais e Biologia, esse tema parece ter um tabu, porque temos muitas dificuldades, mais muitas dificuldades mesmo em dar estes conteúdos, porque não uma colaboração dos pais. Há esse tabu, a receio de falar deste tema em casa com os filhos. Quando nós implementamos isso a um receio, a uma ou outra criança ou aluna que normalmente dá uma resposta, a muito receio mesmo e a muitas dificuldades e então esse tema há muitas dificuldades.” (cit. E12, p.2).

Licenciatura em Biologia, 36 anos, 17anos de serviço, casado.

“... como nessa faixa etária os alunos de 7ª classe ainda muito nessa fase ainda da vida não tem, (...) muito contato com essa matéria de educação sexual e depois também é um assunto pouco, em São Tomé (...), tem muito tabu os alunos tem muito receio e abordam questões e perguntas acerca de educação sexual, (...) há um certo medo em abrir tendo em conta que a própria a família também muitas vezes fecha nesses assuntos e alguns tem muita vergonha em abrir nesse fato nas perguntas.” (cit.E8, p.2).

Licenciatura em Biologia, 41anos,17 anos de serviço, solteiro.

No sentido desta preocupação, os sujeitos relevam sentir-se intimidados com algumas questões colocadas pelos alunos e, para não os induzirem em erro, optam por investigar antes, trazendo uma resposta mais clara mais tarde, para, deste modo, manterem a autoridade dentro da sala de aula.

“(...) Destas questões nos temos que ter um certo cuidado não é, (...), porque quando estamos a bordar estas questões para não sermos achados (...) de vez em quando caracterizados ou para nós estarmos quase ali também em vez de orientamos e estarmos a confundir e a criar problemas, e os objetivos programados não serem estes que não queremos atingir e daí que, as dificuldades em algum momentos em algumas questões e que de vez em quando eu reservava para um outro dia ou uma outra altura para a resposta, e para não incorrer no erro de dizer coisas que não tem nada a ver não é, e de vez em quando nós, eu por exemplo posso dar exemplo de uma questão quando se falava dá menstruação” (cit. E10, p.5).

Bacharelato em C.N e Mat. /Mestrado em qualidade de Segurança Alimentar, 46 anos, 26 anos de serviço, solteiro.

“(...) eu tomo os conhecimentos de fatos e muitas dessas coisas que eu aprendi e tomei conhecimentos (...), foi através dos alunos, muitas “cascas”, (...), e depois eu com base no conhecimento que tenho e como professor, eu deveria dizer-lhos que estas informações e estas coisas não são para ser feitas não é, e é ilícitas também e que pode provocar hemorragias e levar até a morte e que a melhor coisa portanto é consultar um médico (...) vê essa questão.” (cit. E13, p.8).

Bacharelato em C.N/Licenciatura em Ensino da Biologia, 36 anos, 17 anos de serviço, solteiro.

Neste sentido verificamos a preocupação, o receio e a timidez por parte de alguns docentes na abordagem de E.S. e também algumas aprendizagens com os alunos acerca de algumas crenças culturais, sendo que nos discursos dos sujeitos confirma-se o que Lambert. B (1979) referiu “...os

educadores se esforçam por guiar, informar e formar os educandos no terreno da sexualidade...”. Neste ponto verifica-se grande esforço dos sujeitos na forma como abordam E.S em São Tomé, de modo a não criarem constrangimento aos alunos. Andrade (1995:16) referiu também que para haver “a educação dos afetos é necessário desenvolver a confiança entre professor e alunos, e para que se desenvolva é benéfico considerar a determinadas princípios”.

4.3 COMPORTAMENTOS E REAÇÕES DOS ALUNOS E FAMÍLIAS

Alunos

Quanto a comportamentos e reações dos alunos, os sujeitos revelaram que os alunos são curiosos, mostram interesse, questionam, trazem muitas dúvidas, têm receio, vergonha, participam e há grande adesão na aula (presença), surgindo entre estas conversas paralelas sobre o assunto. Por outro lado, alguns sujeitos afirmam que os alunos mais novos reagem melhor e demonstram mais interesse na aprendizagem destes conteúdos, e que, de forma geral, as raparigas revelam ter mais vergonha, mostrando por outro lado, alguma curiosidade. Relativamente ao interesse, os alunos do curso noturno, não contemplados com a disciplina, têm vontade de aprender sobre esta temática.

Para os sujeitos entrevistados, este tipo de comportamentos surge nos alunos porque a família, como pilar base, não faz o papel primordial de ensinar os seus filhos sobre este tema. Assim, é notável estas reações por parte de alguns alunos. Os docentes, por sua vez, têm que ter boa dinâmica para poder lidar com este tipo de situações. No geral, os alunos têm vontade de aprender e manifestam-se interessados na temática.

“(…)desperta muita atenção dos alunos, os alunos ficam portanto muito mais ativos e dinâmicos em relação a este conteúdo, esse assunto. (cit. E7, p2).

Bacharelato Biologia, 56 anos, 35anos de serviço, solteiro.

“Ao princípio eles ficam todos cochichando entre outros, (...), ficam mais abertos e não reagem mal, (...) e gostam (...).” (cit. E6, p.3),

Formação média em Ciências Naturais – Biologia, 49 anos, 28anos de serviço, viúva.

“...os alunos com essas idades de 12 anos de 7ªclasse ficam muitos curiosos e suscitam muitas dúvidas e então o professor tem que saber muitas das vezes as perguntas que os alunos fazem, e certo modo um pouco curiosos e a idade que eles têm (...) e então essa disciplina, posso dizer que é tem tido muita aderência.” (cit. E1, p.2),

C. Médio Agronomia, 52 anos, 15 anos de serviço, casado.

“ (...) aluno fica um bocado fechado e mais também quando é um professor um bocado aberto e conversam mesmo e fazem eles entender a aula fica “bué” animada e (...) a turma fica uma barulheira total (...), e tem muito receios e quando é a fase da menstruação (...), têm muito receio de pronunciar “sexo”, porque em casa os

pais dão outro tipo de educação diferente (...), mais (...) reação é boa. Há muitas dúvidas, também a muitas perguntas pertinentes e vão querer saber de mais (...) mas a reação é muito boa e os meninos também adoram. (cit. E2, p.2/3).

Formação média em Floresta e Meio Ambiente, 33 anos, 10 anos de serviço, solteira.

“... Eles ficam um pouco entusiasmado (...), ficam bastante, e posso dizer 90%. (...), outros se sintam ainda inibidos, (...) os alunos despertam muita atenção. (...), mesmos os alunos do curso noturno. Se for numa turma que uns cinco alunos dormem, neste dia, ou nesses dias ninguém dorme, porque ali aparecem muitas perguntas e a aula é mais proveitosa, (...)” (cit. E7, p.3).

Bacharelato em Biologia, 56 anos, 35 anos de serviço, solteiro.

“Eu já trabalhei com alunos de 12, 13 anos mas também trabalhei com 16, 17, 18. Os de 12, 13 anos parece que sabem mais do que os de 17, 18, mas não é por saber mais, o problema é que eles nesta fase querem mesmo aprender, estão mais interessados e fazem mais perguntas, trazem também os seus pré-requisitos e a aula torna-se muito mais dinâmica talvez do que nas turmas dos alunos mais crescidos. Os alunos mais crescidos acham talvez que já sabem, sentem também mais tímidos, muito embora também de qualquer modo a motivação é bastante grande, mas é mais proveitosa também nos momentos em que eu lidei também com esta matéria, esta unidade, os mais novos as questões são mais lançadas a aula é muito mais viva se fizer comparação com os mais crescidos.” (cit. E7, p.3).

Bacharelato em Biologia, 56 anos, 35 anos de serviço, solteiro.

“(...)as meninas tem muita vergonha e muito tímida, e a gente tem que (...)deixar relaxar aberta para elas falarem.” (cit. E6, p.2).

Formação média em Ciências Naturais – Biologia, 49 anos, 28 anos de serviço, viúva.

“... uns são muitas a vontade, querem ouvir e participar e outros ficam com vergonha, assim com muita vergonha e com muito receio e porque em casa também os seus familiares em sua casa onde eles vivem não se aborda isso, não se fala isso, não se diz isso, os pais proíbem os filhos de certas coisas que se faz e que se diz, por isso mesmo que eles ficam assim todos intimidados.” (cit. E4, p.2).

“(...) a + b experimentou e eu também quero experimentar e quero ver como que isso é a coisa e como não é, e acabam logo por engravidar e perdem praticamente tudo nessa fase e não conseguem estudar (...)” (cit. E4, p.3).

“(...) eles gostam muito e gostam do tema, (...) porquê já (...)abordamos vários temas que eles ficam muito curiosos em querer saber(...)e gostam da matéria e gostam da disciplina e pelo menos eu não tenho razão de queixa e gostam mesmo da disciplina (...)” (cit. E4, p.7).

Licenciada em Direito, 49 anos, 25 anos de serviço, solteira.

Este professor destaca que, inicialmente, ao lecionar, deram-se situações em que os alunos iam buscá-lo à sala dos professores:

“(...) educação sexual nota-se um crescente interesse dos alunos em que eles portanto se a algum em que outras aulas estando ausente, estão todos presentes inclusive no início das aulas. E Quando eu comecei a trabalhar, agora já não muito, ao início quando comecei a trabalhar eles faziam questão de ir buscar o professor portanto na

sala dos professores, pois porque o tempo já está a passar e nós já temos que começar as nossas aulas (...), e muitas vezes eles têm trazido questões, problemas e a gente com base no conhecimento que têm tenta saber informação, alguns também tem informação dos pais, (...), os amigos e tal, mais eles questionam muito é sobre os seus problemas, (...).” (cit. E13, p.1/2).

Bacharelato em C.N/Licenciatura em Ensino da Biologia, 36 anos, 16 anos de serviço, casado.

Famílias

Quanto aos comportamentos e às reações das famílias (pais, encarregados de educação, etc.), segundo os professores entrevistados, muitas destas famílias não são favoráveis à inclusão desta temática no contexto educativo. Alguns destes pais, mostram o seu descontentamento repudiando algumas ações dos docentes e agindo da maneira incorreta: não se dirigem às escolas para se informarem e esclarecerem com os professores ou diretores, afim de estarem a par dos conteúdos, e optam por dizer piadas nas ruas e “mandar indiretas” aos professores fora da escola. Alguns pais consideram algumas gravuras do livro desadequadas e outros consideram que o tema vem afetar negativamente os filhos, e incentivá-los a entrarem mais cedo na vida sexual. Também soubemos que há pais que aprovam o ensino da ES na escola, que apoiam, solicitam informação e procuram esclarecer-se sobre os conteúdos que se abordam na escola e, para estes que acompanham o trabalho realizado, não há grande problema.

“(…) Há pais que não concordam, mas há pais que ainda apoiam.”. (...) houve pai que abordou esta questão, porque nestas idades não se devia abordar (...)esse conteúdo de educação sexual aos meninos, e então eu fiz o pai entender a necessidade de preparar os meninos. (...)a mãe ou o pai têm vergonha ou sentem se um bocado de receio de abordar-se com criança, eles são crianças e não podem ouvir isso,(...)” (cit.E1,p.7).

Curso Médio em Agronomia, 52 anos, 15 anos de serviço, casado.

“E há muitas gravuras e há pais que não aceitam dizem que estamos a estragar.” (cit.E2,p.5).

Formação média em Floresta e Meio Ambiente, 33 anos, 10 anos de serviço, solteira.

“(…) este ano os pais comentaram quais são as matérias que vão mesmo abordar e eu expliquei (...), e alguns pais aceitam e outros dizem que estamos a estragar crianças (...). E aqueles pais que dedicam, sabem que eles aprendem isso desde primária.” (cit.E5, p.5).

Formação média em Biologia Química, 53 anos, 35 anos de serviço, viúva.

“(…)os pais têm preconceito de falar com alunos acerca destes assuntos e a alunos que dizem se em minha casa a gente falar acerca de sexo o meu pai dá “porrada” e bate já e eles acham que palavra sexo leva muito para muito longe. (cit.E2, p.3).

Formação média em Floresta e Meio Ambiente, 33 anos, 10 anos de serviço, solteira.

“ (...)Não tem aparecido pais para interpelar em relação a essa matéria, mais seria tão bom que eles aparecessem aqui para nós explicarmos qual é o objetivo da escola a prevenir as crianças com relação a este assunto (...).” (cit. E7, p.6).

Bacharelato em Biologia, 56 anos, 35 anos de serviço, solteiro.

“(...)quando cruza-se com os docentes que abordam esta temática, “(...) mesmo na zona eles tem falado que essa aula que nós damos aos alunos, que os professores ensinam os alunos é que tem provocado gravidez na adolescência, mais não é isso, há pais que pensam isso, mais não é isso, eu mesma a explicar eles, eu digo os vossos pais em casa pensam que nós estamos a ensinar eu falo para mudar os vossos comportamentos coisas que estão erradas e a gente tem que concertar.” (cit.E5, p.5).

Formação média em Biologia Química, 53 anos, 35 anos de serviço, viúva.

Podemos afirmar que é um tema polémico, segundo alguns entrevistados. Mesmo para os pais com nível académico elevado, não se dá uma aceitação fácil da abordagem deste tema e nem sempre conseguem conversar com os filhos sobre o assunto, como explicam alguns professores, muitas vezes, se as crianças falarem do assunto, levam um corretivo verbal ou físico. Outros pais preferem deixar que a escola se encarregue do assunto. A ES sendo tema com grande interesse para as famílias, deveria proporcionar uma maior participação e não deveria ser deixada unicamente à escola a responsabilidade da educação sexual.

“(...)essa matéria quando começou houve uma mãe, mesmo culta ela repúdio esse tema, (...) e a criança depois veio no dia seguinte e mãe não gostou do que a professora deu, mais nós depois fomos ver que a pessoa que disse isso, não é uma pessoa de baixo nível, é uma pessoa de nível alto (...)e nós ficamos um bocadinho constrangidos com está situação, mais mesmo assim muitos pais repudiam esta situação(...), os pais também é um fator importante para está missão, tudo bem que a escola é um fator primordial, mas os pais também tem que aprender a conversar com os seus filhos.” (cit. E4, p.4/5).

Licenciada em Direito, 49 anos, 25 anos de serviço, solteira.

“...há pais mesmo que tem conhecimento e depois começam lá fora, e aqui na escola ainda não ouvi e não aconteceu comigo, mais na rua, na rua eles comentam isso e não estão a ensinar as crianças a falar de sexo.” (cit.E5, p.5).

Formação média em Biologia Química, 53 anos, 35 anos de serviço, viúva.

“... há pais que os meninos lá em casa tem estado a fazer muitas perguntas, e eles dizem vão para escola e vão perguntar a professora, eles não dão resposta e os pais não dão respostas e eles vem com essa dúvida e diz: - Oh professora eu foi para casa e perguntei a minha mãe e a minha mãe disse é para vir perguntar professora de Educação para saúde outra vez.” (cit. E2, p.4).

Formação média em Floresta e Meio Ambiente, 33 anos, 10 anos de serviço, solteira.

4.4 AVALIAÇÃO DO TRABALHO DESENVOLVIDO: EFEITOS POSITIVOS, DIFICULDADES SENTIDAS E SUGESTÕES DE ALTERAÇÃO

Efeitos positivos de E.S

Podem ser salientados alguns efeitos positivos da implementação da Educação sexual na agenda política do arquipélago. Segundo os entrevistados, tem havido necessidade de se anteciparem os conteúdos de educação sexual para o 1º ou 2º período letivo, visto que são os períodos onde se encontram a totalidade dos alunos no sistema de ensino, uma vez que com o número de feriados, as reprovações por faltas e as desistências de alguns alunos no decorrer no ano letivo, esta alteração tem-se tornado uma solução que melhor garante a universalização desta área de formação.

“ nós passamos este conteúdo de educação sexual reprodutiva para segundo período, nós fazíamos sempre no terceiro período e muitas das vezes não chegava o tempo para fazer e nós nunca terminamos essa matéria, a muitos feriados que aparecem por aí e agente nunca chegava a terminar este conteúdo e então resolveram passar isso para segundo período para terminamos (...), nós questionamos isso com a metodólogo para ser no segundo período e deixar violência para terceiro período.” (cit.E1, p.6).

C. Médio em Agronomia, 52 anos, 15 anos de serviço, casado.

“ 9º Classe os alunos têm um programa que no primeiro período nós aproveitamos (...), porque (...) é o momento em que nós temos a percentagem total dos alunos, no outrora dava isso no terceiro período, (...). No terceiro período costuma acontecer, no segundo já reprovam. Como é um assunto bastante importante (...)a nível relacional preferimos então inverter o programa para o primeiro período ou ainda mesmo avançar para o segundo, mas nós temos estado a trabalhar no primeiro período e assim de uma forma abrangente para os alunos da 9ª classe todo mundo tem este programa, tem no manual.” (cit. E7,p.4).

Bacharelato em Biologia, 56 anos, 35 anos de serviço, solteiro.

Num segundo efeito, foi possível destacar alguns casos positivos de retorno de algumas alunas que engravidaram e voltaram novamente a estudar no ensino diurno. É de salientar que em São Tomé e Príncipe, segundo o regulamento interno, as alunas que engravidam e o rapaz que a engravidou e que estejam dentro do ensino são convidados pela escola a saírem e mudarem para o ensino noturno. Anteriormente, porém, eram obrigados a deixar o ensino; agora, há a possibilidade de continuarem os estudos no ensino diurno apos o nascimento da criança.

“(…) segundo o nosso regulamento interno a menina depois de despertar a atenção que ela esta grávida nós temos que despedi-la, não despedimos ao todo, (...) desde que nós saibamos que a aluna não abandonou a escola, nós não escurássemos, nós convocamos os pais para virem a escola e depois propomos que o aluno ou aluna (...) se transfira para o curso noturno e ao dar luz, (...) ainda ao longo do período, poderá voltar porque o sistema do programa é o mesmo. Nós tivemos caso no ano anterior duas miúdas que logo no primeiro período a gravidez já estava num estado que não dava para nós aceitarmos. Nós achamos que quando nós aceitamos estaremos a contribuir para que outras também possam, então essa medida proíbe um pouco. (...), a primeira

fase era mesmo mandar pra casa, mas isso também era muito prejudicial então convocamos os pais, e os pais vêm nós conversamos, não é bom abandonar a criança, não é bom manda-la para casa é bom transferi-lo para o ensino noturno, assim que der luz nós voltamos a mudar, e isso aconteceu com duas raparigas que felizmente voltaram, estudaram a noite, era pouco tempo, deram a luz e voltaram aos estudos, fizeram um esforço e hoje estão no 11º ano.” (cit.E7,p.4/5).

Bacharelato em Biologia, 56 anos, 35 anos de serviço, solteiro.

Quanto ao terceiro efeito positivo, referem os professores ser já notório o interesse de alguns pais sobre os conteúdos de educação sexual. Uns querem conhecer o programa de ES e outros já conversam com os filhos. É de apreciar que com o passar do tempo já se observam mudanças de comportamento de alguns pais consciencializando-se com a temática. Alguns pais, muitas vezes, na sua mera inocência, dão o mecanismo de aprendizagem para os filhos, isto com o uso das novas tecnologias de informação e o acesso dos alunos a internet, verifica-se alguma influência na aprendizagem de educação sexual, porque os alunos vão para além do que é ensinado na escola e os professores apelam para que os pais dialoguem com os seus filhos sobre o tema.

“ Pelo menos este ano os pais comentaram, quais são as matérias que vão mesmo abordar e eu expliquei (...)” (cit.E2, p.4).

Formação média em Floresta e Meio Ambiente, 33 anos, 10 anos de serviço, solteira.

“ (...) há que ajudam e apoiam os alunos e conversam com os seus educandos, (...)” (cit.E3,p.4).

Formação média em Biologia Química, 51 anos, 30 anos de serviço, solteira.

“ o senhor vem reclamar e eu digo os teus filhos as vezes sabem coisas que o senhor não sabe. Senhor deu lhe todo o objeto e mecanismos para ele adquirir conhecimento e então?!”, (cit. E2, p.5).

Formação média em Floresta e Meio Ambiente, 33anos, 10anos de serviço, solteira.

O quarto efeito que destacamos desta avaliação refere-se à organização do programa, considerando alguns entrevistados que os conteúdos da ES encontram apropriados de forma resumida com assuntos importantes, interessantes e que gostariam de ter mais conhecimento acerca da temática para rebatar certas crenças e tradições.

“ No contexto educativo, eu creio que sobre tudo os conteúdos que nós temos, quer dizer os conteúdos estão muito bem espalmados e até de uma forma resumida e com coisa importante e interessante (...)” (cit. E13, p.6).

Bacharelato em C.N/Licenciatura em Ensino da Biologia, 36 anos, 17 anos de serviço, solteiro.

“ (...) o mundo está em constante evolução e está sempre a evoluir gostaria de ter mais conhecimento acerca disso, porque o que eu tenho para mim eu acho é pouco e gostaria ter mais e muito mais e muito mais.” (cit.E4, p.5).

Licenciada em Direito, 49 anos, 25 anos de serviço, solteira.

Por outro lado, os sujeitos mostram-se disponíveis na abordagem do conteúdo e não se importam em falar da temática e esclarecer assuntos, mesmo procurando, se necessário for, fora do conteúdo programado pelo docente, mostrando disponibilidade em esclarecer as dúvidas.

“ (...) quando há qualquer assunto mesmo que não está dentro de ordem do dia da aula, eu faço paragem, paramos para tirar dúvidas, é sempre assim, pelo menos acontece sempre assim comigo, mesmo quando um aluno põe um problema mesmo não for assunto que é dá aula a gente parar uns tempinhos para fazer aluno chegar a conclusão daquilo que tinha dúvida.” (cit. E3, p.4).

Formação média em Biologia Química, 51 anos, 30 anos de serviço, solteira.

Esta docente frisou que recorre a outros colegas no momento de alguma dificuldade para se esclarecer e tirar dúvidas de modo a encontrar uma melhor estratégia para abordar o conteúdo.

“ (...) quando tenho dificuldades eu recorro aos meus colegas fora da minha aula, (...), epá como é que vocês deram essa aula? Qual é a estratégia que utilizaste, epá, e então eles dizem você faz isso, isso, isso e depois eu vou fazer análise,(...)” (cit.E6,p.2/3).

Formação média em Ciências Naturais – Biologia, 49 anos, 28 anos de serviço, viúva.

O quinto efeito refere-se aos projetos e às instituições que têm apoiado esta temática no contexto educativo e nas comunidades e que tem tido um impacto bastante positivo. O Projeto Escola+ foi frutífero na formação dos docentes. Os docentes que beneficiaram da formação com a Escola+ estão responsáveis de preparar os novos docentes com o apoio da FNUAP (Fundo das Nações Unidas para a População). O Projeto de SSR (Saúde Sexual e Reprodutiva) também apoia na formação inicial e contínua dos docentes que faz-se todos os anos nas férias letivas. No terreno, a ASPF (Associação Santomense para Promoção Familiar) conjuntamente com o Ministério da Saúde fazem campanhas de sensibilização nas comunidades.

Alguns docentes que não beneficiaram da formação do Projeto Escola + lamentam não terem participado e consideram que teria sido uma mais-valia terem aproveitado a formação.

“... participei na formação com escola+, e tive a sorte, tanto eu como os outros colegas tivemos a sorte de estar sempre á acompanharmos o começo da escola+, e fomos contemplado, aquela formação base da escola+ e hoje estamos a preparar os outros professores que estão cá, (...) os que estão entrando novos não tem, já não existe formação para esses elementos, estão só encaixando e aproveitando os mais velhos.” (cit. E14 p.1).

Curso médio em Biologia Química, 53anos, 30anos de serviço, solteiro.

“Normalmente damos formação inicial e a formação contínua que se faz durante as férias com FNUAP.” (cit. E11, p.1).

Licenciatura em Biologia/Mestre em Ensino das Ciências, 59 anos, 33 anos de serviço, casada.

“(...) eu professor (...) nós quando fazemos as campanhas de sensibilização, há momentos em que fazemos campanhas grandes (...), nós combinamos agentes de saúde e entre outras organizações e ONG,(...) para

(...)eles verem que não são só os professores daqui que divulgam, disseminam informação, então as vezes despertam mais atenção vindo também de pessoas de outro lado disseminar essa mensagem, e é uma coisa que não pode estancar. Este programa de educação sexual, a sensibilização tem que ser frequente.” (cit. E7,p.4)

Bacharelato em Biologia, 56 anos, 3 anos de serviço, solteiro.

“ASPF uma associação que tem ajudado muito no terreno acerca deste tema” (cit. E14,p.5).

Curso médio Biologia Química, 53 anos, 30 anos de serviço, solteiro.

“(...) é um conteúdo que eu gosto tanto, até eu lamento de não ter aquele seguimento com aqueles professores portugueses, que segundo os meus colegas que quando iniciaram está matéria (...), que os acompanhava-os da Escola +, gostaria imenso, são pessoas que tem mais experiência e gostaria imenso de acompanhar, (...)” (cit.E6, p.2).

Formação média em Ciências Naturais – Biologia, 49 anos, 28 anos de serviço, viúva.

O sexto e último efeito positivo refere-se ao contexto fora da escola, no qual a formação em ES tem sido positiva não só dentro da escola como também na sociedade em geral. Para os adultos que deixaram o ensino, os docentes prestam apoio aos amigos, colegas, companheiras e outros sobre a sexualidade, causando resultado positivo na vida pessoal de algumas pessoas.

“... método de calendário, os métodos, (...) eu gostaria aprofundar mais o meu conhecimento sobre isso, porque quando eu estava a ter o seminário eu esclareci muita coisa que até ajudei a minha esposa em casa e gostaria de esclarecer e aprofunda-lo.”, (cit.E1,p.8).

Curso Médio em Agronomia, 52anos, 15 anos de serviço, casado.

“O tema que mais lhes desperta é a menstruação, o controlo do ciclo menstrual e isto, até com os alunos mais crescidos, as pessoas mais crescidas portanto que querem arranjar os filhos então mesmo deixando a escola já não estão a estudar e tem meu contacto de vez em quando ligam para mim, e a momento eu chego a lhe dizer oh meus amigos eu não sou médico, mais o professor parece, o professor até podia ter feito a medicina, e é mais para o controlo do método calendário, o controlo do ciclo e tudo mais, e outros dizem mesmo, usam até uma terceira pessoa para explicar, dizem, uma minha amiga, mas se calhar é a pessoa, uma minha amiga que teve relação sexual, não sei quê lá, e ela vai ficar grávida? E eu digo-lhe mais como é que assim só pelo ar eu vou saber disso? (...)” (E10, p.4).

Mestrado em qualidade de Segurança Alimentar, 46 anos, 26 anos de serviço, solteiro.

Dificuldades sentidas

Quando interrogados sobre as dificuldades e constrangimentos, os professores destacaram uma grande diversidade de situações. Para a maioria dos sujeitos, a falta de recursos materiais (didáticos/pedagógicos/lúdicos) é uma das principais dificuldades sentidas. Considerando o manual escolar como o único material de apoio para os alunos, este deveria ser mais atrativo, porque os manuais utilizados são impressos a preto e branco, em modo de folheto para reduzir o custo na

educação. No relato dos sujeitos, o manual é fundamental para os alunos, pois é o “único” guia de suporte mais frequente e utilizado. Porém, muitos alunos não o têm e nem todos os pais têm condições financeiras para a compra do manual escolar, dados as condições de pobreza enfrentam. Por outro lado, o Ministério da Educação não disponibiliza o manual para todos os alunos e as fotocópias do folheto são tiradas em número reduzido.

“Materiais, por exemplo o manual, nem todos os alunos têm manual, (...) quando eu estou a dar a sexualidade masculina, eu tenho figura aqui que eles todos podem ver, quando eu falo da puberdade tem figuras e todos não têm, são muito pouco alunos que têm manual.” (cit. E5,p.4),

Formação média em Biologia Química, 53 anos, 35 anos de serviço, viúva.

“ (...) eu gostaria que primeiro houvesse meios, tá a ver, que houvesse meios, sabe para o no nosso país em termo de material didático é escasso para este caso de educação sexual para a vida familiar, para educação sexual é logo, deveria haver um livro, livros sobretudo com gravuras e digamos, livros ilustrados, e eu não diria a preto e branco, a cor. (...), e acordo com cada classe ou cada nível, caso houvesse livros bem ilustrados para que o professor consiga transmitir isso aos alunos fazendo ver, através do livro como é que o processo é decorrido, é esse é o meu ponto de vista, e não só deixar como temos agora o professor é obrigado a improvisar como eu já disse, improvisar material para poder transmitir, deveria haver mais materiais didáticos, neste caso o livro, esses materiais contraceptivos e que nós podemos fazer exemplos mostrando os alunos na sala de aulas e não só e entre outros. (cit. E14, p.4).

Curso médio em Biologia Química, 53 anos, 30 anos de serviço, solteiro.

Sendo a ES um tema que provoca muitas discussões, as aulas deveriam ser mais dinâmicas e com apoio de outras fontes como recursos multimédia (vídeos), experiências e exemplos concretos, de modo a proporcionar aos alunos uma melhor aprendizagem e assimilação dos conteúdos, uma vez que os poucos meios auxiliares existentes na escola (mapas, por exemplo), não são suficientes para favorecer a abordagem de ES.

“(...) Aqui normalmente nós não temos 100% de materiais, e mesmo os professores têm falta de materiais, por exemplo estamos a falar sobre pénis eu acho que é normal trazermos uma figura de pénis e mostrar, e quando se fala de prevenção como prever(...), esses materiais nós não temos. (...)” (cit. E2, p.4).

Formação média em Floresta e Meio Ambiente, 33anos, 10anos de serviço, solteira.

(...) a gente tem que cria aula expositiva não é, se a gente não cria aula expositiva o aluno fica só, o professor torna-se o ponto, quer dizer o foco, o ponto foco na turma não é, porque eles limitam por vezes em ouvir e prestar muita atenção em professor e no que o professor estar a falando, mas aula expositiva com vídeo, tem que haver mais caso (...)” (cit.E9, p.4),

Licenciado em Ciências Biológicas, 31anos, 7 anos de serviço, solteiro.

Alguns entrevistados destacaram que, pelo facto de grande parte dos alunos não possuir o livro, os materiais para a abordagem da educação sexual são quase sempre improvisados, o que dificulta o

trabalho dentro da sala de aula. Apuramos ainda que a aula de ES no país é baseado em apresentações teóricas em que o docente adota uma postura de comunicador oral e os alunos limitam-se a ouvir passivamente e, portanto, são os professores que dominam a conversa no diálogo com a turma.

“As dificuldades sempre são imensas não é, são imensas porque nós aqui temos sempre dificuldades em materiais, as vezes temos que improvisar os materiais para nos realizarmos atividades, nós não temos laboratório onde possamos fazer experiência para que as crianças possam ver ao vivo, uma coisa é falar, explicar e outra coisa é criança acompanhar ao vivo para ver como as coisas acontecem, como as coisas acontecem uma vez, ou, outra há umas experiências que agente pode reunir uns materiais (...), ou somos nós que compramos os nossos materiais e levamos para as turmas e realizamos as atividades.” (cit. E6, p.2).

Formação média em Ciências Naturais – Biologia, 49 anos, 28 anos de serviço, viúva.

“(...) nós temos que ter materiais, materiais didáticos. O caso mesmo se não tivermos, temos que improvisar, temos que improvisar, improvisar esses materiais para fazermos entender que isto é feito desta forma, se bem que não estamos na vida prática, na vida real, mais improvisando algum material para poder transmitir esses conhecimentos ai, essa aula ou seja á parte dessa aula que o material é improvisado.” (cit. E14, p.2).

Curso médio Biologia Química, 53 anos, 30 anos de serviço, solteiro.

Outro fator que tem dificultado a implementação da ES é o elevado número de alunos por sala, o que se reflete na falta de condições para todos, por exemplo, na falta de carteiras para todos os alunos. Esta excessiva quantidade de alunos por turma também dificulta a transmissão de informações, exigindo um grande esforço dos docentes na abordagem dos conteúdos, resultando em baixos níveis de aprendizagem pelos alunos e sentindo-se uma maior necessidade de haverem mais horas letivas para lecionar.

Falar de educação sexual aos adolescentes já pode ser considerado algo complicado, segundo os sujeitos, mas o crescente número de alunos torna o dilema ainda maior no contexto educativo Santomense.

“(...) é que temos muitos alunos na turma, e isso dificulta um bocadinho e temos que esta a gritar, falar muito alto e fazem muito barulho, e se fossem poucos alunos pelo menos para nós podermos explicar melhor, fazermos grupos haveria muito, seria uma boa e aula seria melhor com a quantidade de alunos na sala de aula isso não permitimos ter uma boa aula e ter um bom resultado na explicação.” (cit. E.4, p.4).

Licenciada em Direito, 49anos, 25anos de serviço, solteira.

“o número de alunos que nós temos por turma, (...) em condições normal deve ter (...) máximo 30 alunos até 25, nós aqui trabalhamos com dobro até triplo desse aluno numa turma. (...), há turmas aqui no liceu, (...) que tem cerca de 90 pessoas, está a ver, agora isso é já é uma grande dificuldade, como controlar aquela turma, dando uma aula de educação sexual e ai se o professor não tiver pulso, é tendo em conta que é um tema, é uma aula que os alunos gostam e toda gente entra em fervescente, logo a dificuldade aqui é praticamente, se ele não tiver pulso ele não conseguirá dominar a turma, portanto é uma das grandes dificuldades.” (cit. E14,p.5).

Curso médio em Biologia Química, 53 anos, 30 anos de serviço, solteiro.

“(…)adolescente é complicado, isso praticamente não sei, mais em São Tomé, normalmente as turmas são superlotadas com cerca de 75 e 80 alunos, e eu digo isso é quase “é remar contra a maré”, mais isto é extremamente complicado, isto porque foge o controlo da própria direção, e então os professores é quase impossível seguir os alunos, por mais que o professor tenha vontade é complicado, mas vamos fazer os esforços, fazer os possíveis para ver, e dar o máximo de cada um o que puder para ver se chegar lá.” (cit. E8, p.2).

Licenciatura em Biologia, 41 anos, 17 anos de serviços, solteiro.

“(…) é a forma como trabalhamos é o número de alunos por turma é a ausência de carteiras e essas questões que tem a ver com o ministério que também dificulta um bocado, as vezes nós temos que passar para o meio e ir lá para fundo para podermos falar e é difícil e ainda mais no sistema de hoje é difícil.” (cit. E13, p.7).

Bacharelato em C.N /Licenciatura em Ensino da Biologia, 36 anos, 17 anos de serviço, solteiro.

A par destas dificuldades salientadas, quanto ao nível do tempo e frequência de E.S, foi possível identificar que as aulas são de 45 minutos, duas vezes por semana, conforme estipulado no programa formal, mas também pode variar de acordo com o que for planeado durante a planificação pedagógica quinzenal com o metodólogo da disciplina. Destacamos aqui que alguns professores relataram a necessidade de terem mais horas para abordar a educação sexual porque o tempo de aula é considerado diminuto. Por se tratar de um tema que suscita a intervenção dos alunos, os professores dificilmente conseguem cumprir o planeamento realizado. Mas quando são chamados a intervir em algum problema que não esteja na ordem do dia, estes apoiam no que for possível.

“Nós temos duas vezes por semana e são duas aulas por semana.” (cit. E1, p.5).

Curso Médio em Agronomia, 52 anos, 15 anos de serviço, casado.

“...o problema é que temos 45 minutos para falar é pouco e nós não temos muito tempo (...).” (cit. E3, p.6).

Formação média em Biologia Química, 51anos, 30anos de serviço, solteira.

“Nós a nível desta reforma que aconteceu, temos agora duas frequências semanal e até já vimos com o metodólogo da disciplina se houvesse a possibilidade de implementar para três frequências semanas, porque só duas (...) não é suficiente, normalmente são duas aulas.” (cit. E12 p.3).

Licenciatura em Biologia, 36 anos, 16 anos de serviço, casado.

“... a frequência, ela é regular, podemos considerar regular. Ela é regular porque sempre sou chamado a dar essa contribuição e então eu dou aquilo que sei, e faço.” (cit. E14, p.4).

Curso médio em Biologia Química, 53 anos, 30 anos de serviço, solteiro.

Estes sujeitos revelaram ter algumas dificuldades ao nível das estratégias na abordagem de conteúdos, fundamentando que ainda existem docentes e alunos tímidos e com dificuldades em algumas terminologias, o que resulta numa deficiência na aprendizagem, decorrendo algumas falhas na transmissão de informações e omissão de certos assuntos.

“(...) ainda temos algumas lacunas que há professores ainda que têm timidez de abordar este conteúdo, (...) tem medo de falar abertamente com os adolescentes.(cit.E11, P.2).

Licenciatura em Biologia/Mestre em Ensino das Ciências, 59 anos, 33 anos de serviço, casada.

“Eu em princípio tinha uma certa dificuldade em algumas terminologias (...).” (cit. E13, p.6).

Bacharelato em C.N/Licenciatura em Ensino da Biologia, 36 anos, 17 anos de serviço, solteiro.

“(...) dificuldade que normalmente enfrentamos na sala de aula é que parece novidades quando introduzimos este conteúdo na sala de aula, e uma ou outra ou outro aluno nesse caso é que normalmente mostram que têm algum conhecimento, é timidez, porque esse tema é trabalhado desde 5ª classe. Por exemplo a nível de 9ª classe voltamos a falar desde tema, e parece que é uma novidade, e nós temos de vez em quando pequena dificuldade a abordar este tema.” (cit. E12,p.4).

Licenciatura em Biologia, 36 anos, 16 anos de serviço, casado.

Estes entrevistados revelaram não ter receio em falar de temas complexos, porém, perante a faixa etária de alguns alunos, atitudes dos mesmos e falta de colaboração dos pais, acabam por limitar certas questões que posteriormente os alunos irão aprender quando estiverem em níveis mais avançados.

“Eu não tenho receio em explicar porque eles o, e pela faixa etária deles eu limito em algumas questões, eu limito porque (...), eles não tem muita idade e há coisas que eu não posso abordar e eles poderão saber posteriormente quando crescerem ou quando (...) para 9ª, 10ª classe e ter mais idades e eles saberão melhor.”, (cit. E4, p.4).

Licenciada em Direito, 49 anos, 25 anos de serviço, solteira.

“É um pouco difícil, porque para nós os professores de Ciências Naturais e Biologia, esse tema parece ter um tabu, (...) temos muitas dificuldades, mas muitas dificuldades mesmo em dar estes conteúdos, porque não há uma colaboração dos pais. Há esse tabu, a receio de falar deste tema em casa com os filhos. Quando nós implementamos isso a um receio, a uma ou outra criança ou aluna que normalmente dá uma resposta, a muito receio mesmo e a muitas dificuldades e então esse tema há muitas dificuldades.”, (cit. E12, p.2).

Licenciatura em Biologia, 36 anos, 16 anos de serviço, casado.

Outra dificuldade que também foi relatada é a relação com agentes externos, como a Igreja. Os sujeitos consideram que a Igreja tem um papel importante na sociedade e, no que diz respeito à ES, estes sentem-se incomodados e às vezes pressionados pelo fato da Igreja defender algumas premissas ligadas à sexualidade que contrariam o que a escola ensina (o uso de métodos contraceptivos, aborto, etc.), o que obriga muitas vezes a repensar sobre o que transmitir e como o fazer para não haver falsas interpretações.

“As igrejas não gostam de abordar muito (...) o uso de preservativo e esses métodos, (...) não gostam muito de abordar esses conteúdos, é abstinência, abstinência, abstinência não fazer, dar-lhes as pilulas, dar preservativos e isso é contra igreja.” (cit. E11, p.5).

Licenciatura em Biologia/Mestre em Ensino das Ciências, 59 anos, 33 anos de serviço, casada.

Diante das dificuldades referenciadas, quando se questionou os sujeitos sobre a necessidade de formação contínua e os temas que gostariam ver abordados, é de destacar que os sujeitos apesar de terem formação acadêmica ligada à área de ES e todos os anos terem formação contínua, manifestam de forma muito positiva a necessidade da mesma. Alguns sujeitos sentem dificuldades em alguns temas e gostariam de vê-los abordados para argumentar contra certas crenças e tradições porque mundo está em evolução e a ciência não morre. Sentem, por isso, necessidade de mudanças e a necessidade de uma reciclagem nos temas de ES.

Da mesma forma os docentes que dão formação a outros docentes mais “novos”, ou seja recém-chegados, consideram que há sempre algo a aprender. Não consideram ter todo o conhecimento de que necessitam, querem e têm vontade de aprender muito mais, seja por formação promovida pelas instituições externas ou não. Neste sentido, é de elogiar e agradecer a todos os entrevistados por mostrarem vontade de continuarem a formar-se, não mostrando resistência alguma e, tendo a maior parte dos sujeitos necessidade de aprender sobre os temas da prevenção médica e morfologia biológica dos órgãos humanos.

“Sinto, sinto sim. Não só eu, como os outros professores colegas porque hoje em dia a muitos conhecimentos novos e é preciso uma reciclagem, e a toda necessidade de nós termos pequenas formações dessa. De uma forma geral todos, mas aqui sobre os métodos contraceptivos, as IST’S e as DST’S.” (cit. E12, p.5).

Licenciatura em Biologia, 36 anos, 16 Anos de serviço, casado.

“Capacitação sim, porque a gente tem que se reciclar, a necessidade. (...) eu gosto muito de frisar neste tema Gravidez na adolescência, porque hoje atual eu tenho alunas e já tive aluna no ano passado em 9ª classe grávida, grávida, e então tema como gravidez na adolescência, mesmo falando também, mesmo que faz parte de Ist, de D’st, falando de desenvolvimento, do método, do órgão reprodutor ao longo dessas fases, que é a fase de, é a fase de os alunos ficam, ficam com mais curiosidade e isto é que lava a tal gravidez na adolescência”(cit. E9,p.5).

Licenciado em Ciências Biológicas, 31 anos, 7 anos de serviço, solteiro.

“Eu já participei no curso de formação e dei mesmo capacitação aos professores, bom intercâmbio, dar um intercâmbio de conhecimentos, porque há coisas que eu posso saber e a coisa também que eu recebo por parte dos formandos. Normalmente abordar a gravidez precoce, quais são as causas, as consequências dos jovens adolescentes quando atingem maturidade e engravidam e quais são as coisas e os problemas que vão ter mais tarde.” (cit. E11, P.4).

Licenciatura em Biologia/Mestre em Ensino das Ciências, 59 anos, 33 anos de serviço, casada.

“Eu já frequentei “n” seminários desta natureza, e “n’s” seminários promovidos pelo agente de saúde, e entretantos são eles. Mesmo a nível da escola, dos ministérios, do ministério de educação, da saúde, das ONG’s, já organizaram esses seminários e participei, mas nunca é de mais, e dei-me sempre satisfeito a ser convidado a participar em mais formações desta natureza (...)” (cit. E7, p.7).

Bacharelato Biologia, 56 anos, 35 anos de serviço, solteiro.

No que diz respeito aos constrangimentos, mostraram-se preocupados com o que os alunos pudessem falar em casa sobre o que aprenderam na escola, devido às possíveis falsas interpretações por parte dos pais e dos familiares. A falta do diálogo com os filhos e a não participação de muitos pais nestes assuntos em contexto educativo dá-se maioritariamente entre os pais que têm baixo nível de escolarização.

“Em principio há uns constrangimentos não é, porque depois a gente tem que saber muito bem o que dizemos aos alunos, porque muitos conversam com os pais e vão lá dizer em casa o professor está a falar de não sei o quê, e não sei quanto e tal e isso dificulta.” (cit. E13, p.7).

Bacharelato em C.N/Licenciatura em Ensino da Biologia, 36 anos, 17 anos de serviço, solteiro.

“ (...) Sabe que destas questões nos temos que ter um certo cuidado não é, de vez em quando, porque quando estamos a bordar estas questões para não sermos achados e não sermos ou de vez em quando caracterizados ou para nós estarmos quase ali também a, em vez de orientamos e estarmos a confundir e a criar problemas, e os objetivos programados não serem estes que não queremos atingir e daí que, as dificuldades em algum momentos em algumas questões e que de vez em quando eu reservava para um outro dia ou uma outra altura para a resposta, e para não incorrer no erro de dizer coisas que não tem nada a ver não é, e de vez em quando nós, eu por exemplo posso dar exemplo de uma questão quando se falava da menstruação.” (cit. E10, p.4).

Bacharelato em C.N e Mat. /Mestrado em Qualidade de Segurança Alimentar, 46 anos, 26 anos de serviço, solteiro.

Consequentemente pudemos verificar que os conhecimentos dos alunos assim como os termos “terra-terra” ao interferirem com o conhecimento científico explicado, predominam sobre o conhecimento científico. Isto acontece porque os alunos absorvem diversos tabus existentes na sociedade (crenças culturais, uso em demasia de termos “terra-terra”, “*uso do dialeto*”), uma vez que a comunidade em que estão inseridos não é favorável à abertura, discussão e aprendizagens sobre ES.

“(...)nem todos os alunos têm o mesmo nível de aprendizagem, a alunos que tem e trazem tabus de casa, e quando as vezes nós falamos de certas coisas, eles acham que certas coisas são tabus e não devíamos falar, mais a gente tenta sempre explicar, realmente quando eles dizem qualquer coisa assim, nós tentamos ver que isso é tabus e que eles devem ir mais pelo conhecimento científico(...).” (cit. E3, p.5).

Formação média “Biologia Química, 51 anos, 30 anos de serviço, solteira.

“(...)nós temos que sempre usar e não usar conhecimento científico somente, como também o nosso conhecimento terra – terra porque os alunos eles vêm de uma classe desfavorecida, hoje em dia o ensino está sempre a degradar, e então eu por vezes uso o termo científico e eles não entendem nada, uma vez eu estava a dar aula e falei de vagina e o aluno não sabia, eu falei de adolescente e o aluno não sabia de nada, e então eu vou fazendo e equiparando termos (...),de forma que eles também ter na mente, o que é um termo científico abordado na aula, o termo científico é fraco, os alunos não sabem nada, um aluno na 9ª classe (...).” (cit.E9, p.6).

Licenciado em Ciências Biológicas, 31 anos, 7anos de serviço, solteiro.

“Estes estão mais rotinados ao conhecimento não científico não é, até porque tem haver mais com a introdução dos nomes, (...) por exemplo se eu lhes dizer que os órgão genitais feminino (...) não estão habituados com isso, e se disser “pipi” já sabem e então são mais em termos de nomes e terminologias no nome (...), mais convém as pessoas chamarem “pilolo” do que chamar pênis e depois é mais elaborado é neste sentido.” (cit.E10, p7).

Mestrado em qualidade de Segurança Alimentar, 46 anos, 26 anos de serviço, solteiro.

Alguns entrevistados dizem usar algumas terminologias “terra-terra” para facilitar a aprendizagem, o que acaba por fazer com que os alunos fiquem demasiado ligados ao conhecimento não científico. Salientemos que este tipo de situações ocorre, muitas vezes, devido à pouca investigação científica no país em relação à temática, fazendo com que o conhecimento não científico prevaleça ao conhecimento científico. Os alunos, por sua vez, limitam-se a ouvir somente o que os docentes transmitem. Há poucos documentos científicos existentes no país e o desenvolvido de trabalhos nas escolas não é uma prática frequente. Por esta razão, alunos e mesmo alguns adultos firmam-se somente sobre as crenças culturais, o uso de termos “terra terra” e conversas que ouvem de amigos, pares, etc., carregando consigo estas ideias por toda a vida.

“ (...) não só na escola como próprio em São Tomé e Príncipe de uma forma geral, muitas das vezes o conhecimento não científico influência muitas das vezes, influenciar muito sobre o conhecimento científico porque temos uma escola que não há laboratório(...), é uma escola onde não se faz visita de campo e onde não se faz praticamente uma experiência, e os alunos ficam nessa da teoria e muitas das vezes já vem com essa teoria, fica com(...), uma teoria crônica, que na qual ele muitas das vezes aprendeu o conhecimento mais, e muitas das vezes o conhecimento fica e aprendeu o conhecimento errado e muitas das vezes ele acha que isso esta tudo correto, porque nunca fez a pratica e nunca experimentou e fica com isso até adulto (...).” (Cit.E8, p.5/6).

Licenciatura em Biologia, 41 anos, 17 anos de serviço, solteiro.

As famílias chegam num segundo plano, isto porque são poucas as que dialogam com os filhos, logo, alguns alunos não querem falar do assunto na escola. Quando um ou outro são mais desinibidos e ousam falar no assunto, são bombardeados com vários adjetivos pejorativos, chegando a ser punidos com uma correção rígida pelos pais ou familiares. Consequentemente, muitos alunos não têm abertura para dialogar sobre o assunto e optam por manter a conversar entre os amigos, com pares e longe dos ouvidos dos adultos.

“(...)eles tem muito conhecimento desde cedo, mesmo se o professor não explicar eles vêm com os colegas a dia- a -dia na vivência deles.” (cit. E5, p.6).

Formação média em Biologia Química, 53 anos, 35 anos de serviço, viúva.

“Bom, quando se diz o conhecimento científico e não científico na escola, podemos falar de termos científico, e quando vai para casa no seio da família, normalmente a família logo (...) põe-se a criança inibida não se pode falar essas coisas porque isso tá induzir e encaminhar para praticar o ato sexual antes do tempo.” (cit. E11, p.4).

Mestre em Ensino das Ciências, 59 anos, 33 anos de serviço, casada.

De modo geral, segundo os sujeitos entrevistados, os alunos aprendem tanto o conhecimento científico como alguns termos não científicos (termos terra-terra) na escola, mas acabam por não usá-los no seu dia-a-dia, uma vez que em casa estão proibidos de falar, conversar ou questionar. O conhecimento científico não tem grande destaque porque para a sociedade em que vivem é impensável ser abordado com os familiares (pais, encarregados de educação e algum adulto). Numa análise geral, pode verificar-se que os alunos têm consigo algum conhecimento teórico e pouco científico, mas que mantêm alguns “tabus” existentes na sociedade.

“(…)alunos tanto falam bastante (...)e interrogam bastante (...) conhecem muitas técnicas e conhecem muitas coisas que a nível tradicional se faz, e eu tomo os conhecimentos de fatos e eu aprendi, tomei conhecimentos não é, foi através dos alunos, muitas cascas, muitas não sei quê, e por ai fora (...), e é ilícitas também e que pode provocar hemorragias e levar até a morte (...). Eles em princípio eu creio que eles não tem conhecimento dos fatos, eles vão tomando conhecimento das pessoas mais velhas, (...) quando se vão conversado entre elas se calhar vão esticando conversas e depois eu oiço aqui e levo para ali e (...) vai juntando e vão partilhado o conhecimento (...), colhem o conhecimento sabendo de outras pessoas e as vezes a informação dos terceiros, e muitas das vezes da família e depois vão partilhando com os outros.” (cit.13.p.8).

Licenciatura em Ensino da Biologia, 36 anos, 17 anos de serviço, solteiro.

Sugestões de alteração

Por último, como sugestões de melhoria e alterações, os sujeitos referiram a pertinência de pensar os métodos para abordar a Educação Sexual no contexto educativo, a necessidade de se alargar a disseminação da temática nas comunidades locais, não limitar a E.S. a uma área disciplinar e utilizar os Mídias e as organizações externas como fonte de divulgação. Neste sentido, há necessidade de fazerem-se mais atividades de sensibilização, pois existem muitos adolescentes nas comunidades que encontram-se na idade escolar, mas não frequentam a escola.

Para os professores, seria útil que, antes mesmo da implementação da ES no contexto educativo, houvesse um debate na sociedade e uma maior divulgação ou uma aula aberta para os pais e familiares para estarem a par do currículo na escola.

“Essa disciplina de educação sexual não devia ser só na escola, mais sim também nas comunidades, desde ensino básico, nas comunidades (...) as pessoas também engravidam muito cedo (...), as meninas de 12 e 13 anos já estão amantizadas e então eu pergunto idade para vocês aproveitarem o tempo e mesmo não tendo idade e não estando na escola é muito cedo, e o quê que me respondem aqui não tem diversão.” (cit. E1, p.10).

Curso Médio em Agronomia, 52 anos, 15 anos de serviço, casado.

“(…) nós até gostamos que responsabilidade deste tema não ficasse só apenas limitado ao professor de Ciências Naturais e Biologia, e que também estende-se aos professores de Português e (...).” (cit. E12, p.3).

Licenciatura em Biologia, 36 anos, 16 anos de serviço, casado.

“(…) próprio a comunidade rural tem que se fazer mais palestra para estas comunidades, para a comunicação social focar mais porque tem tido muitos casos de adolescentes nestas comunidades que estão grávidas e eles não estudam, elas não estudam e elas ficam lá e única coisa é arranjar marido e a meninas com 14 e 15 anos e já tem 5 e 6 filhos e eu acho que é um papel mesmo dá nossa sociedade para fazer ver e inculir nessas sociedades alguma mudanças do comportamento.” (cit. E10, p.6).

Formação média em Biologia Química, 51anos, 30 anos de serviço, solteira.

“... E eu acho que este tema antes de implementar na escola deveria ser um tipo de debate para a sociedade, e a sociedade toda deveria estar sensibilizado de modos os pais mesmo em casa também pudessem falar, porque os pais não falam com crianças sobre a sexualidade não fala nada, e as crianças quando vem e ouvem de outras crianças elas também vão querer pôr na prática o que eles aprendem com outras crianças, e então seria um tema um debate que própria a sociedade, (...), o órgão de comunicação social deveria arranjar um tempo para estar a falar de um tema, por exemplo, na TVS falar de planeamento familiar, PMI falar para a sociedade toda ter mais conhecimento, porque mesmo os alunos que estão na escola aprendem, mas nós temos alunos noutras comunidades que não têm e não estão na escola e que não têm esses conhecimentos o que seria bom para a sociedade toda, e não seria só para os alunos que estão a estudar, (...)” (cit. E10, p.2/3).

Bacharelato em C.N e Mat. /Mestrado em qualidade de Segurança Alimentar, 46 anos, 26 anos de serviço, solteiro.

“(…) o papel importante da educação deveria ter aula aberta, mais está aula aberta, (...) tem que haver primeiramente á sensibilização, porque sem sensibilização os pais (...)” (cit. E11,p.4).

Licenciatura em Biologia/Mestre em Ensino das Ciências, 59 anos, 33 anos de serviço, casada.

Os professores salientaram ainda que deveria haver mais impacto se o Ministério da Educação valorizasse mais a disciplina de Educação para a saúde criando uma nova forma de avaliação para a disciplina:

“(…)o ministério de educação não dá a disciplina de Educação para saúde valor, porque nós, a nossa disciplina nós quase não avaliamos assim diretamente,(...)como uma avaliação quantitativa, nos só temos uma avaliação qualitativa. Há alunos que as vezes acham que essa disciplina não tem muito valor, a alunos que dão máximo (...),são mais participativos e a que menos participativos, mais se fosse próprio o ministério da educação a implementar-se essa disciplina como uma outra qualquer, com teste mesmo, fazer avaliação e para fazer tudo eu acho que teria mais impacto na sociedade do que tem agora.” (cit. E3, p.6).

Formação média em Biologia Química, 51 anos, 30 anos de serviço, solteira.

Para este docente licenciado em biologia, deveria haver regulação entre o Ministério de Educação e o Curso noturno, pois algumas alunas ao engravidarem e estando dentro da idade escolar e na fase terminal do ensino obrigatório são convidadas a mudarem do curso diurno para o curso noturno, o que acaba por não acontecer devido a condições financeiras. Sendo que as alunas acabam por não estudar mais, porque têm que fazer uma nova matrícula para o curso noturno, o que resulta em desistências. Se

houvesse uma regulação do Ministério de Educação neste âmbito, talvez houvesse uma diminuição do abandono escolar das adolescentes que engravidam dentro da idade escolar.

“... o ministério pedir as escolas (...) nos horários de diretores de turma, tem um tempo para estar e conversar com os alunos e o tema é livre não é, é livre e o professor pode trazer um tema para discutir com crianças. Ele pode chegar hoje, bom ele não é professor de biologia mais ele tem conhecimento não é, hoje vamos falar da gravidez na adolescência, sabe que a gravidez por tanto saibam como evitar e as sugestões todas, falar das possíveis infecções e portanto é sempre bom que realmente ao nível de Ministério proponham outras alternativas para que estas informações não incidissem apenas numa classe, para que as pessoas continuassem sempre informadas.” (cit.E7, p.9).

Bacharelato em Biologia, 56 anos, 35 anos de serviço, solteiro.

Foi também sugestão dos entrevistados que Ministério devia investir mais nos técnicos, nos materiais de apoio pedagógico e didático e deste criar oportunidades e promover a disseminação de E.S no gabinete de aconselhamento, aproveitando-se o horário de diretor de turma para falar do assunto com os alunos. Para as escolas que não têm gabinete, a proposta seria que fosse criado. Para além disto, consideram que o Ministério de Educação deveria valorizar mais a E.S no contexto escolar: dando mais valor às disciplinas que abordam esta temática, alargando a carga horária da disciplina, abrangendo o tema a outras classes, adequando alguns conteúdos conforme a faixa etária e tornando a E.S. mais atrativa. Junta-se ainda a necessidade de diminuir o número de alunos por sala.

“... tem que haver mais investimento em materiais primeira coisa, formações também dos professores, (...) portanto a necessidade de investir nos matérias, laboratórios, e alunos tem que ter acesso a mais aulas praticas e mais exemplos concretos (...). A parte de tecnologia, a formação também está a desejar, e portanto não há filmes, não há nenhum aspeto desse relacionado com o audiovisual também está zero, uma boa forma é através de filme e isso também incentiva os alunos também muitas vezes a ganhar gosto e portanto começar a sentir o problema, (...) portanto é necessário abrir mais investimento portanto nesta parte, criar filmes, criar momentos de sessões de filmes e criar laboratórios e pôr alunos muitas vezes a passar para a parte pratica, porque muita teoria isso também não leva-nos ao lado nenhum.” (cit.E8.p7).

Licenciatura em Biologia, 41anos, 17anos de serviço, solteiro.

“Poderia ter mais coisas, como eu tinha dito mais conteúdos, (...), o manual deveria ser colorido, de modo que os alunos ao verem (...) e ficariam com uma boa visão e assim seria mais atraente e eles ao lerem assim e continuarem a ver, e a observar.” (cit.E4,p.6).

Licenciada em Direito, 49 anos, 25 anos de serviço, solteira

“Aqui nos temos um gabinete para isso, só sensibilizamos as crianças que tem problemas e tem dificuldades que podem dirigir-se a este centro. É um centro que está aberto sempre e está em funcionamento e os meninos vão lá, e tem folheto e tem outras informação, e vão para casa ler e depois se qualquer duvida tiverem muito receio para falar com a senhora que esta lá e pode falar comigo (...).” (cit.E2, p.6).

Formação média em Floresta e Meio Ambiente, 33 anos, 10 anos de serviço, solteira.

“Seria bom que tivéssemos alguns retroprojetor no momento em que estamos a dar aulas para estar a passar e isso para eles verem e nós a explicar assim e seria melhor, seria melhor e eles teriam mais atenção e estariam a ver e a ouvir a mesmo tempo, porque o manual que temos é ilimitado, o manual é ilimitado, o manual também deveria ser colorido, uma coisa colorida de modo desse mais ênfase o conteúdo que temos, assim os alunos levariam e estariam mais atentos a para verem, à para mais atentos e poderiam ter mais conhecimento acerca disso e desse tema.” (cit.E4, p.3).

Licenciada em Direito, 49 anos, 25 anos de serviço, solteira.

“...a necessidade de reduzir primeiramente o número de alunos ...” (cit.E8, p.7).

Licenciatura em Biologia, 41 anos, 17 anos de serviço, solteiro

“ (...) ainda este ano eu tive caso de uma menina que veio cá para gabinete dizer que quer transferir para o curso noturno porque está grávida e está no 10º ano com 16 anos, (...) ela própria já trouxe a ideia, mais com o nível de formação que nós temos não é igual a que se dá no curso noturno, e por outro lado tem que se voltar a matricular, tem que se matricular e que já não tinha mais dinheiro para matricular, tem que se voltar inscrever no curso e depois de termos fornecido as informações, mais que ela voltasse para aqui, mas eu acho que não houve uma boa vontade da parte da escola, uma vez que já é uma menina que está a dar passo para trás, e este ano estaria a ir para 11º ano porque era uma aluna bastante inteligente.” (cit. E7, P6).

Bacharelato Biologia, 56 anos, 35 anos de serviço, solteiro.

Os sujeitos entrevistados destacaram os temas de planeamento familiar (métodos contraceptivos) e a gravidez como os mais fundamentais, devendo fazer-se uma maior divulgação e proporcionar-se um aprofundado dos mesmos.

“ Métodos contraceptivos. (...) mais a meu ver eu acho que deveríamos focar, porque a muitas crianças que tem estado a fazer muitas asneiras: tirar grávidas, arrancar gravidez, já têm namorado, já tem vida sexual ativa e deveríamos focar um pouco mais para aquelas crianças, porque aqui tem a ver com a idade, porque a alunos de 12, de 13 e de 14, e então normalmente neste alunos mais velhos deveríamos focar muito bem nesta parte da proteção.” (cit.E2, p.6).

Formação média em Floresta e Meio Ambiente, 33 anos, 10 anos de serviço, solteira.

Para finalizar, as entrevistas demonstraram relatos de vivências diferentes e também idênticas, partilhando todos os sujeitos entre si, um acrescento nas suas experiências e histórias, através das relações de ensino e aprendizagens criadas, da oportunidade de saber e das aventuras quotidianas no torno da abordagem de ES no contexto educativo.

CONCLUSÃO

A Educação Sexual no meio escolar é um tema que tem sido polémico e no qual não se encontra facilmente consenso. Falar de ES no arquipélago é considerado ainda algo preconceituoso e sujeito a proibições mas, com o passar do tempo, estamos a viver numa sociedade que assume de forma mais visível a sua sexualidade e erotismo, seja através da música, dança, humor, publicidade, filmes, teatro, forma de vestir ou simplesmente divertimentos disponíveis.

Neste caminhar, verificamos que as crianças e os adolescentes crescem rodeados e conturbados com várias informações, umas verdadeiras e corretas, enquanto outras são falsas e originadas em ilusão. Para evitar estas situações, há que desenvolver um trabalho conjunto entre alguns atores, nomeadamente as famílias (pais, encarregados de educação, etc.) e os professores. Estes devem ter um papel crucial na educação do adolescente respeitante a diferentes dimensões da sexualidade: biológica, psicológica, emocional, afetiva, social, espiritual, etc., de modo a que os alunos adolescentes façam escolhas construtivas e desenvolvam relações benéficas e duradouras.

Em guisa de conclusão, verificou-se que as ofertas e os objetivos propostos pelo programa de ES efetua-se nas escolas, e os entrevistados saem amplamente enriquecidos a nível de conhecimento do currículo, a nível cultural “determinadas medicamentos tradicional”, e a nível pessoal.

É um programa que abre leque de oportunidades excelentes para os alunos a nível de aprendizagens da saúde pessoal e obtêm ainda um conjunto de mais-valias que contribuirão para a estruturação de uma vida sexual com sentido.

Constituem os principais entraves na abordagem de ES e no alcance dos objetivos de aprendizagem os fatores materiais (manual, laboratórios, alguns matérias de apoio, etc.), o fator linguístico (para os alunos da zona piscatória que domina mais o dialeto no seu dia-a-dia), o elevado número de alunos por turma e a falta de participação da família na escola e no dialogo com os adolescentes. Alguns problemas apresentados pelos professores são considerados há muitos anos como o grande problema no ensino São-tomense, ou seja, considerados o *calcanhar de Aquiles*, como o caso de elevado números de alunos na sala, a escassez de materiais didáticos/pedagógicos, a falta de participação dos pais na escola e a falta de diálogo destes com os filhos.

Na abordagem de E.S os professores sentem necessidade de ter mais formação contínua na área, apesar de terem anualmente formação que consideram proveitosa para dar respostas a questões com que são confrontados dentro da sala de aula. Além disto, sentem e reconhecem a necessidade de mudança de estratégias, não sendo muitas vezes possível devido às situações supra mencionadas.

A falta de participação dos pais (família) na escola e a falta do diálogo com os filhos é considerado pelos professores entrevistados um grande obstáculo. Quando se trata de abordar o tema

da sexualidade, há muito por fazer. Muitos dos pais não concordam com os princípios definidos para a ES no contexto educativo, sendo este o principal obstáculo à sua efetiva implementação. Como foi verificado no estudo realizado anteriormente por Cohen (2011), em São Tomé os pais pouco dialogam com os filhos mas, apesar de haver essa resistência com o passar do tempo este fator tem vindo a mudar ligeiramente, isto deve-se a abertura da ES escolar. É curioso também verificar que em São Tomé alguns pais preferem deixar este conteúdo ao critério da escola, como Pais (2012:135-138) referiu, hoje em dia fala-se abertamente da sexualidade na escola, mas continua a haver algumas limitações e tabus. O diálogo existente entre pais e filhos é focado sobre a prevenção dos riscos associados à prática sexual e foca-se sobretudo na gravidez precoce e pouco nas doenças sexualmente transmissíveis.

Os resultados obtidos dão-nos pistas da necessidade de haver mais formação dirigida aos professores, de se melhorar as condições na sala de aula para facilitar o trabalho dos professores e assim influenciar positivamente a utilização de estratégias de abordagem da ES diversificadas que promoverão, quando bem usadas, um maior sucesso no ensino santomense. Através dos discursos dos professores entrevistados, constatamos que dão mais prevalência às apresentações anato-fisiológicas e à prevenção de comportamento de riscos, ligados a gravidez precoce e às doenças sexualmente transmissíveis. Tal como na perspetiva de Vaz et al. (1996:45), este é o modelo mais adequado aos dias de hoje, numa abordagem de ES em contexto escolar, tendo sempre em conta de que a ES é um processo contínuo, que deve promover o debate e a escolha crítica, primar pela flexibilidade dos conteúdos e promover a autonomia.

Como principais recomendações, sugiro que o Ministério de Educação divulgue mais e use os Mídias para apoiar esta temática e regular alguns aspetos relacionado com transferências de adolescente para os cursos noturnos. Num ponto de vista pessoal, para que este conteúdo de ES pudesse ter mais impacto, cada escola deveria fazer o seu próprio projeto de intervenção, para além do que se faz no ensino geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anastácio, Z. F.C. (2007). *Educação Sexual no 1.º CEB: Conceção, obstáculos e Argumentos dos Professores para a sua (não) consecução*. Tese de Doutoramento no Ramo de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Instituto de Estudo da Criança.

Andrade, M. I. (1995). *Educação para a Saúde: Guia para professores e educadores*. Lisboa: Texto Editora.

Antunes, M.T.C. (2007). *Atitudes e comportamentos sexuais de estudantes do ensino superior*. Coimbra: Edição Formasau – formação e saúde.

Bardin, Laurence (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa. 3.º Edição. Edições 70, Lda.

Berger, D., Bernard, et. al (2008) (orgs.), *Sex education: Teachers'and future Teachers'conceptions and Social representations: What relevance for Teachers' Training*. In XIII IOSTE Symposium. The use of Science and Technology Education for Peace and Sustainable Development, turke.

Bogdan, R. & Biklen S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto editora.

Cohen, Gabriela (2011). *A gravidez precoce: Estudo Qualitativo sobre conhecimento, atitudes e práticas relacionadas com a sexualidade e gravidez entre os adolescentes e jovens em São Tomé e Príncipe*. Médicos do Mundo. Novembro. São Tomé e Príncipe.

Carvalho, Cristina Sá (2008). *Guia de educação da sexualidade*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional de educação Cristã.

CCPES, DGS,APF,RNEPS (2000). *Educação sexual em Meio Escolar. Linhas Orientadoras*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Cortesão, L., Silva, A. e Torres, A. (2005). *Educação para uma Sexualidade Humanizada*. Porto. Editora Afrontamento.

Fernandes, Preciosa Caldas José & Ingleby David (2013). Health Education: Perspectives and intervention contexts. Foreword / Prefácio ao Dossier Temático. *Revista Educação Sociedade & Culturas* 38, pp.7-11.

Figueiró, M. (Org.) (2007). *Homossexualidade e educação sexual: Construindo o respeito à diversidade*. Londrina: UEL.

- Fok, S. (2005). A stud of the implementation of sex education in Hong Kong secondary schools, *Sex Education*, Vol. 5, N.º 3, pp. 281-294.
- Haignere, C., Culhane, J., Balsley, C. e legis, P. (1996). Teachers receptiveness and confort teaching sexuality education and using non-traditional teaching stragies. *The Journal of School Health*, Vol.66, N.º 4, pp. 140-144
- Instituto Nacional de Estatística (INE) [São Tomé e Príncipe], Ministério da Saúde, e ICF Macro,2010. *Inquérito Demográfico e Sanitário, São Tomé e Príncipe, IDS STP, 2008-2009*, Calverton, Maryland, USA:INE.
- Lambert, B.(1979). *Orientations sur l'éducation sexuell*, *La Documentation Catholique*. 76, p.p.773-774.
- Lobão. A., (2007). *A relevância da educação sexual no 1.º ciclo do Ensino Básico. Um estudo de caso*. Universidade Portucalense, Porto.
- López Sanchez, F. (1990), *Educación sexual*, Madrid: Fundación Universidad empresa.
- López Sanchez, F., e Fuertes, A., (1999). *Para compreender a sexualidade*. Lisboa: APF.
- Pais, José M. (2012). *Sexualidade e Afectos Juvenis*. Lisboa: 1ª edição, ICS.
- Pardo de Velez, G., & Cedeño, M. (1997). *Investigación en Salud: Factores Sociales*. Santafé de Bogotá: McGraw Internationals.
- Pelège, P. e Picod, C. (2006). *Éduquer à la sexualité. Un enjeu de société*. Paris : Dunod.
- Precioso, José (2004). Educação para a saúde na escola: Um direito dos alunos que urge satisfazer. *O professor*. 85 (3), 17-24.
- Teixeira, D., et al., (2000). *Manual do aluno. Língua Portuguesa - Educação em matéria de saúde sexual e reprodutiva e para a vida familiar. 7.ª Classe*. São Tomé. Assistência técnica UNESCO.
- Teixeira, G. (2004). *Grande Dicionário – Língua Portuguesa*. (Ed.). Porto: Porto Editora.
- UNESCO (2010). *Razões em favor da educação em sexualidade: Orientação Técnica Internacional sobre Educação em sexualidade*. Traduzido pela UNESCO Brasil. Publicado por UNESCO Setor Educacional. Divisão de Coordenação das Prioridade da ONU em educação. Seção VIN e SIDA. UNESCO.
- Vaz, J., Vilar, D. e Cardoso, S. (1996). *Educação sexual na escola*. Lisboa: Universidade Aberta

LEGISLAÇÃO

Decreto N.º 67/1995. *Introdução da educação em Matéria de População e para a Vida Familiar nas Escolas*. São Tomé ao 6 de Abril de 1995. Promulgado em 5 de Dezembro de 1995.

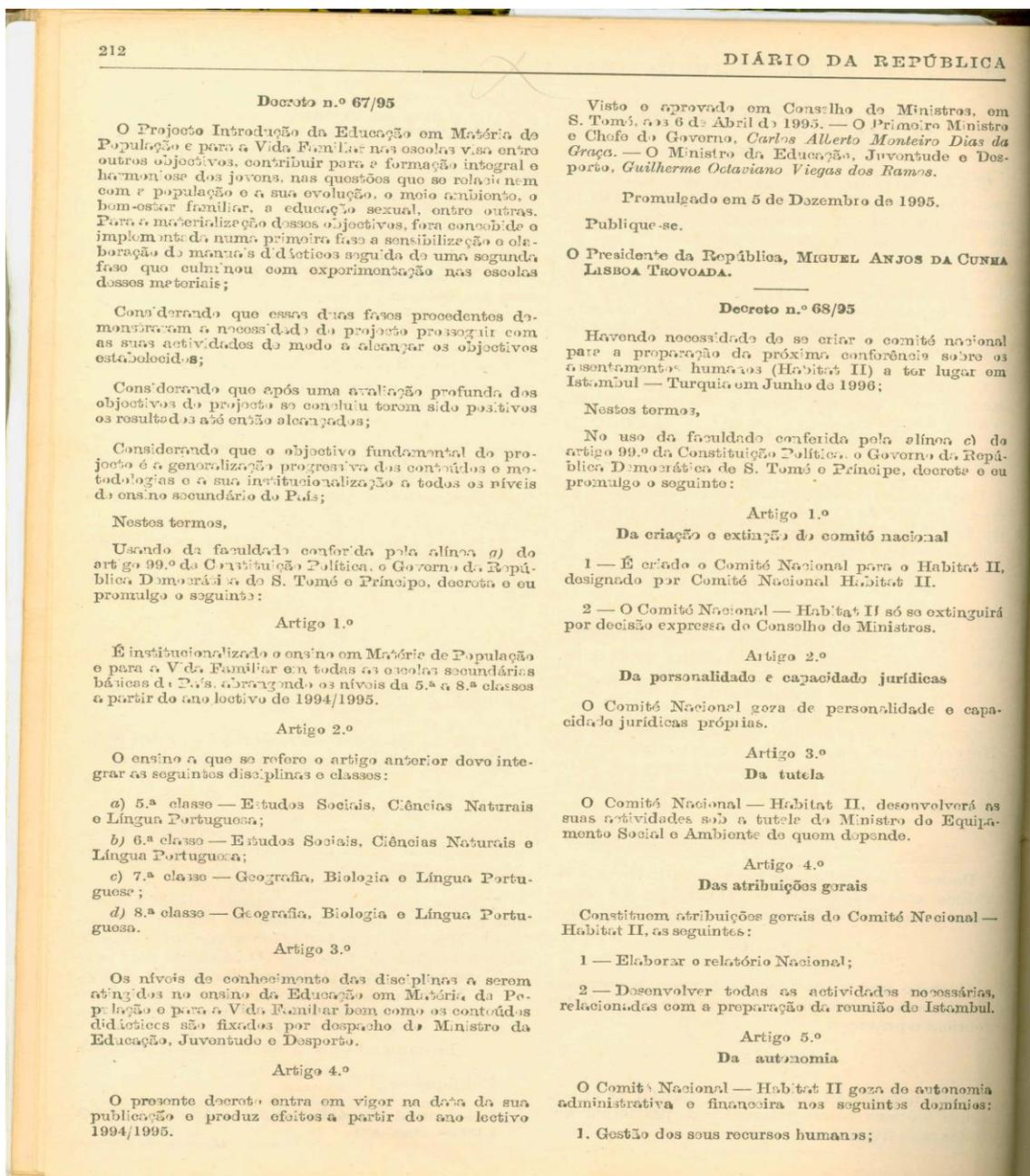
Decreto-Lei N.º 17/2006. *Educação em Matéria de saúde Sexual e reprodutiva Vida Familiar (EMSSRVF)* Junho, STP, - do Diário da República, (22- 21 de Junho de 2006). Promulgado em 31 de Março de 2006.

Decreto-lei N.º 2003. *Lei de Base do Sistema Educativo*. São Tomé e Príncipe – Diário da República N.º 7-2 de Junho 2003. São Tomé e Príncipe.

Decreto-lei N.º 27/2010. *Estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão do currículo e a avaliação, 1.º/2.º ciclo de secundário*. Diário da República nº72, quarta – feira 6 de Julho 2011. São Tomé e Príncipe.

ANEXOS

ANEXO I – DECRETO-LEI N.º 67/1995 “PROJECTO INTRODUÇÃO DA EDUCAÇÃO EM MATÉRIA DE POPULAÇÃO E PARA A VIDA FAMILIAR NAS ESCOLAS (EMPVF)”



ANEXO II – DECRETO-LEI N.º 17/2006 O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM MATÉRIA DE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA VIDA FAMILIAR (EMSSRVF).

N.º 22 – 21 de Junho de 2006.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE - DIÁRIO DA REPÚBLICA

213

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 16 de Fevereiro de 2006.- A Primeira Ministra e Chefe do Governo e Ministra do Plano e Finanças, *Maria do Carmo T Pires Carvalho Silveira*; O Ministro de Educação e Cultura e Desporto, *Jorge Lopes Bom Jesus*

Promulgado em 31/3/06.

Publique-se.

O Presidente da República, *Fradique Bandeira Melo de Menezes*.

Decreto n.º 17/06

O Programa de Educação em Matéria de saúde Sexual e Reprodutiva! Vida Familiar (EMSSRVF) visa entre outros objectivos, contribuir para a formação integral e harmoniosa de adolescentes e jovens nas questões que se relacionam com a saúde e direitos sexuais e reprodutivos e bem estar familiar, entre outros.

Considerando que os resultados alcançados pelo programa têm sido bastante positivos;

Considerando que a finalidade do programa é a institucionalização de Educação em Matéria de Saúde Sexual e Reprodutiva Vida Familiar (EMSSRVF) a todos os níveis de Ensino Básico e Secundário.

Nestes termos, no uso das facultades conferidas pela alínea c) do artigo 111.º da Constituição o Governo decreta e eu promulgo o seguinte:

Artigo 1.º

É Institucionalizado o ensino de Educação em Matéria de Saúde Sexual e Reprodutiva e Vida Familiar (EMSSRVF) em todas as Escolas Primárias e Secundárias estatais, assim como no Instituto Superior Politécnico a partir do ano lectivo de 2003/2004.

Artigo 2.º

O Ensino a que se refere o artigo anterior deve integrar as seguintes disciplinas e classes:

- a) 1.ª Classe -Meio Físico e Social;
- b) 2.ª Classe -Meio Físico e Social;
- c) 3.ª Classe -Meio Físico e Social e Língua Portuguesa;
- d) 4.ª Classe -Meio Físico e Social e Língua Portuguesa;
- e) 5.ª Classe -Estudos Sociais, Ciências Naturais e Língua Portuguesa.

f) 6.ª Classe -Estudos Sociais, Ciências Naturais e Língua Portuguesa.

g) 7.ª Classe -Geografia, Biologia e Língua Portuguesa.

h) 8.ª Classe -Geografia, Biologia e Língua Portuguesa.

i) 9.ª, 10.ª, 11.ª classes - Os conteúdos de EMSSRVF serão transmitidos em forma de conferências e palestras seguidas de debates.

Artigo 3.º

Os níveis de conhecimento das disciplinas a serem atingidos no ensino de Educação em Matéria de Saúde Sexual e Reprodutiva e Vida Familiar bem como os conteúdos didácticos são fixados por despacho do Ministro da Educação Cultura e Desporto

Artigo 4.º

O presente diploma entra em vigor na data da sua publicação e produz efeitos a partir do ano lectivo 2003/2004.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros, em Tomé 16 de Fevereiro de 2006.- A Primeira Ministra e Chefe de Governo e Ministra do Plano e Finanças, *Maria do Carmo Trovoada Silveira*; O Ministro da Educação e Cultura, *Jorge Lopes Bom Jesus*.

Promulgado em 31/3/06.

Publique-se.

Presidente da República, *Fradique Bandeira de Melo de Menezes*.

Decreto n.º 18/06

Tornando-se necessário proceder a nomeação dos membros que constituem os tribunais militares de 1.ª e 2.ª Instâncias, criados pela Lei n.º 1/84, de 1 de Fevereiro, tendo em atenção o preceituado nos artigos 8.º e 12.º, Capítulos III e IV da referida Lei;

Nestes termos, no uso das facultades conferidas pela alínea c) do artigo 111.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo o seguinte:

Artigo 1.º

São nomeados para exercerem, respectivamente, as funções de Juiz Presidente, Juiz Presidente Substituto, Juizes e Secretário do Tribunal Militar de 2.ª Instância os seguintes elementos:

ANEXO III – GUIÃO DE ENTREVISTA

Local: _____

Data: _____ / _____ / _____

Horas _____

Duração: _____

Entrevista gravada: Sim _____ Não _____

Função do/a Professor /a no contexto da educação sexual

Tema: *Avaliação que os professores fazem da experiência de lecionar a educação sexual: O caso do 1º ciclo do ensino secundário em São Tomé.*

Objetivo principal:

1.º- Conhecer as opiniões dos professores são-tomense do 1º ciclo do ensino secundário (7.^a, 8.^a e 9.^a¹⁰ Classe), sobre Educação Sexual nas escolas, bem como a importância desta última para a aquisição de um melhor nível de saúde dos alunos.

¹⁰ Segundo decreto-lei 17/2006, esta classe deve abordar educação sexual em forma de palestra e conferência pelos oradores convidados

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECIFICADOS	TÓPICOS PARA O FORMULÁRIO DE PERGUNTAS	OBSERVAÇÕES
Apresentação e Legitimação da Entrevista	<p>Apresentação do(a) Entrevistador(a);</p> <p>Legitimar a Entrevista;</p> <p>Criar um ambiente adequado;</p> <p>Obter a autorização para gravar a entrevista;</p>	<p>1.º Dar a conhecer ao entrevistado o contexto em que se insere a entrevista;</p> <p>2.º Reforçar a ideia de que a colaboração do entrevistado é fundamental para a realização do trabalho;</p> <p>3.º Garantir a confidencialidade das informações ministradas;</p> <p>4.º Solicitar autorização para a gravação áudio da entrevista</p> <p>5.º Mencionar a possibilidade de rever a entrevista depois de esta ser transcrita;</p>	<p>Não interferir com o testemunho do entrevistado, de modo, a que este se sinta à vontade para expor a sua opinião.</p>
Formação e percurso do professor/a	<p>Recolher dados sobre a formação e percurso do Professor</p>	<p>1.º Por favor, fale um pouco sobre a sua formação e experiência profissional.</p> <p>2.º Que formação inicial e ou continua possui na área de educação sexual?</p>	<p>Estar atento ao discurso do entrevistado</p>
Pertinência da educação sexual	<p>1.º <i>Conhecer as opiniões dos professores são-tomenses relativamente sobre a pertinência de educação sexual nas escolas;</i> (Identificar atividades desenvolvidas)</p> <p>2.º <i>Compreender as áreas de conhecimento da sexualidade que os professores terão mais dificuldades; (a nível de material e a de formação pedagógica)</i> [(Identificar as dificuldades sentidas)]</p> <p>3.º <i>Avaliar se existe a necessidade de os professores terem um curso de capacitação sobre a temática para poderem ensinar.</i></p>	<p>1º Relata-me como tem ocorrido a abordagem de educação sexual nas suas turmas?</p> <p>2º Como é dar aulas de educação sexual aos adolescentes?</p> <p>3º Utilizas algumas estratégias para abordar a temática</p> <p>4º O que é mais focado durante as aulas de educação sexual?</p> <p>5º Qual a reação atribuída pelos alunos, quando se aborda a temática da educação sexual?</p> <p>6º Com que frequência abordas a temática de educação sexual?</p> <p>7º Qual a forma mais adequada, que achas importante abordar esta temática em contexto escolar?</p> <p>8º Qual o objetivo da educação sexual no secundário e com que finalidade?</p> <p>9º Quais são as suas dificuldades ou constrangimentos sentida enquanto professor(a) o abordar educação sexual junto dos alunos?</p> <p>10º Na tua opinião em relação a família, como estas têm reagido?</p> <p>11º Sente-se a necessidade de frequentar algum curso de capacitação sobre a educação sexual?</p> <p>12º Que tema sobre educação sexual gostaria que fosse abordado neste curso de capacitação?</p>	<p>Deixar a conversa fluir, tentando perceber a visão dos docentes a respeito das dificuldades sentidas ao abordar o tema de E.S</p> <p>Ativamente o entrevistado</p>

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECIFICADOS	TÓPICOS PARA O FORMULÁRIO DE PERGUNTAS	OBSERVAÇÕES
Sugestões de alterações	<p>4.º <i>Identificar as opiniões dos professores sobre a intervenção de outros participantes/agentes na educação sexual dos alunos;</i> (Conhecer o comportamento dos alunos & Conhecer as Sugestões de alterações)</p>	<p>1.º Em que medida tem deparado com conhecimento não científico dos alunos ao interferir no conhecimento científico explicado?</p> <p>2.º O que gostaria que alterasse no programa de educação sexual formal?</p> <p>3.º Sugestão para o Ministério da Educação/diretor(a) fazer, o que aconselharia?</p>	
Contexto (individuais e socioculturais dos professores)	<p>5.º <i>Analisar a relação de fatores contextuais (individuais e socioculturais) inerentes aos professores que poderão interagir com a sua prática de educação sexual «quantas mulheres, e ou filhos têm? etc.,»;</i></p>	<p>1.º Por favor fale um pouco sobre a sua família:</p> <p>a) É casado/a?</p> <p>b) Quantas mulheres têm?</p> <p>c) Quantos filhos têm?</p>	
Finalização da entrevista	<p>Entender se o entrevistado pretende acrescentar mais alguma informação;</p> <p>Agradecer a disponibilidade.</p>	<p>Deseja acrescentar mais algum aspeto que não tenha sido referido?</p>	

ANEXO IV – GRELHAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDOS

Anexo IV - Grelha de análise

Ent.	Tema: Educação sexual no contexto Educativo Avaliação dos professores 1º ciclo de Secundário					
	Conhecer as opiniões sobre pertinência de educação sexual nas escolas					
	Categorias: Atividades Desenvolvidas					
	Objetivo de E.S	Conteúdos de E.S	Estratégias de Atividades	Tempo/Frequência	Conhecimentos científicos e não científico/ dos alunos (aprendizagens)	Aspetos positivos
E1	Dar noção da sexualidade e disciplinar; Preparar para a sociedade (p.6);	Transformações do corpo e emoções; Relação adulta (adultos têm o poder de decisão de grande parte de vida) (p.3); Perigos associados às saídas noturnas (p.4); Doenças sexuais/transmissíveis (p.4); Planeamento familiar (p.4);	O professor explica e os alunos vão perguntando e há diálogo entre professor-aluno (P.3);	Duas vezes por semana (2x45min/semana) P.5;	-----	Antecipam o conteúdo de educação sexual para dar mais tempo de abordar (p6); A formação também tem efeitos positivos para os professores (vida pessoal) p.8;
E2	Evitar gravidez, ter conhecimento sobre a sexualidade (p.4);	Puberdade/transformações do corpo e emoções, menstruação (p.2/3)	Diálogo/Conversa professor-aluno; esclarecimento de dúvidas (p.2); Histórias e vivências do dia-a-dia; Uso de linguagem vulgar, (p.2); Intercâmbio entre professores, visitas, debates, palavras cruzadas, perguntas e respostas (p.3);	-----	Há algum conhecimento científico, mas os alunos prevalece mais aos tabus da sociedade ou crenças culturais (p.5);	Há pais que interessam e questiona sobre o conteúdo que vão abordar (p.4); Com acesso dos alunos a internet, influencia na aprendizagem de educação sexual (p.5);
E3	Ter conhecimento e conhecer o funcionamento dos órgãos humanos; conhecer os métodos de prevenção (vantagens e desvantagens) e que sejam prudentes a agir (p4);	Menstruação, ejaculação, transformação do corpo, caracter sexual (p.2); Maturidade biológica, abordagem de alguns tabus existentes (p.3); gravidez na adolescência, sexualidade (p.5);	Diálogo professor-aluno, perguntas e respostas; exemplos conforme sexo (p.2/3);	45 Minutos de aula (p.6);	Os alunos trazem muitos tabus e utilizam pouco o conhecimento científico (p.5);	Mesmo assuntos que não estejam na ordem do dia, a professora/o faz uma paragem para esclarecimento de dúvidas (p4); Família mais perto da escola para apoiar os filhos para a vida futura, (p.4);
E4	Ter noção mínima da sexualidade (p.3);	Gravidez precoce, (p.2);	Utiliza esquemas, desenhos no quadro para melhor compreensão dos alunos; (p.2) Diálogo e manual (p.2); Dialogo professor-aluno, sessões de perguntas pelos alunos (p.2),	Sempre (p.3)	Tem algum conhecimento, mas não põem em prática (p2);	Necessidade de terem mais conteúdos para rebatar certas crenças e tradições (p.5);

E5	Promover uma boa educação a nível da sexualidade e mudança do comportamento do indivíduo na sociedade e na família (p.4),	Sexualidade, órgãos sexuais, ciclo menstrual (menstruação), adolescência, transformações, família adolescente, gravidez precoce, métodos contraceptivos, IST's e DST's (p.1); Identidade, puberdade (p.4);	O professor explica muitas das vezes no dialeto, porque tem alguns alunos que são das zonas pisqueiras (p.2); Dialogo, perguntas e resposta, explicação, trabalho de investigação e pesquisa, teatros, palestras (p.2);	2x semanais (p.3);	Os alunos trazem muito tabus (p.6); Têm conhecimentos desde cedo sobre E.S, porque eles aprendem com outros colegas no dia-a-dia (p.6);	-----
E6	Para os adolescentes conhecer o seu próprio corpo e os perigos, deste modo possa alertar os outros dos problemas e virtudes da sexualidade (p.4);	Puberdade, transformação do corpo (p.3);	Desenho no quadro, leva outros livros para além do manual, faz esboço no quadro, exercício e correção (p.3);	-----	Os alunos estão mais habituados ao termos terra-terra (nomes vulgo) do que o conhecimento científico (p.7);	Lamenta não ter tido formação em educação sexual com a Escola+ (p.2); Quando sente dificuldades recorre aos seus colegas em busca de apoio (p.2/3)
E7	Preparar os alunos de modo evitar erros (gravidez indesejada) (p.5);	Perigos associados a relação sexual desprotegida (p.2); orientação pra outros agentes externo de E.S (P.2);	Questões teóricas, desdobráveis, mapas, disseminação na colocação do preservativo (p.2), Campanha de sensibilização para os alunos, campanha a nível nacional, produção de jornal, produção de pequenas frases (slogans) (p.3),	-----	Tantos os alunos e como os adultos possuem muito o conhecimento teórico e de pouco enriquecimento científico (p.8),	E.S aborda –se no 1º período porque é quando há a percentagem total dos alunos na escola(p.4), Convida-se os agentes de Saúde e as ONG para sensibilização nas escolas (p.4); Houve caso de duas raparigas que engravidaram e voltaram a retorna a escola no curso diurno (p.5);
E8	Alertar os alunos para uma vida sexual segura; Evitar gravidez na adolescência; Evitar e prevenir doenças sexualmente transmissíveis (p.3);	DST's , Sida; gravidez na adolescência, métodos contraceptivos (p.2);	Demonstrações/exemplificação na parte preventiva (p.2); Elaboração de folhetos, brochuras, seminários, aulas demonstrativas (imagens, filmes com caso e historias de vida, cartazes,) (p.3);	Conforme for estipulada pela planificação (p.3);	O conhecimento não científico predomina o conhecimento científico, sendo que não há um laboratório, não há visita de campo e não se faz nenhuma experiencia e os alunos ficam meramente pelo conhecimento empírico (p.5/6);	O apoio dos pais será fundamental nas noções básicas da sexualidade, há um perigo associados a falta de comunicação com os filhos (p.5);
E9	Incutir nos alunos responsabilidade em torno da E.S (prevenção de modo não cair no erro) (p.4);	Sistema reprodutor, Transformação do corpo, comportamento dos alunos face E.S, gravidez (p.3);	Professor explica e os alunos escutam e vai gerando curiosidades dentro dos alunos, e eles questionam e o professor explica de forma mais clara e simples e não exagerando nos termos (p.2); Fala dos termos científicos e termo terra-terra (p.2); Uso de mapa, preservativo para demonstração e outros métodos contraceptivos (p.3);	45minutos de aula, conforme a planificação. (p.4);	Conhecimento científico é fraco (p.6)	-----

E10	<p>É orientar e reorientar os adolescentes a ter uma vida futura sã, e ver a sexualidade como algo que é normal (p.2); Dar informação aos adolescentes sobre sexualidades, preparar para serem homem e mulher responsáveis na sociedade (p.5);</p>	<p>Puberdade, órgãos sexuais, transformações biológicas (p.2); Menstruação, ejaculação, sexo, relação sexual, perigos associados ao ato sexual sem precaução (3); Ciclo menstrual, abordagem dos métodos contraceptivos (natural) (p.4); O docente faz abordagem acerca dos tabus existentes na sociedade (p.6) Dst's (hiv-sida), maternidade/paternidade responsável, gravidez precoce, aborto (p.7)</p>	<p>Pedagogicamente o docente prepara e organiza a aula para uma boa aprendizagem (p.2), Uso de calões e de termo científico, uso de gravuras, imagens, mapas, exposição em cartolina (p.3); Aula pré programada; interação do diálogo prof-aluno, debates e resultados e fecho do professor (p.3),</p>	<p>Regular (o professor é chamado sempre para contribuir para a abordagem/aprendizagem dos alunos face a de E.S) (p.4);</p>	<p>Os alunos são rotinados a algumas terminologias terra - terra, (p.7);</p>	<p>A educação sexual tem efeito não só dentro da escola, como também na sociedade ou seja das pessoas que deixaram o ensino (p.4);</p> <p>O professor destaca que os alguns não católicos tem uma visão que a relação sexual tende ser depois do casamento, comprando com os alunos católicos (p.6);</p> <p>É um programa muito bom em que a família, a sociedade e os pais ficam a ganhar (p.8/9)</p>
E11	<p>Arrebatam o número de gravidez precoce no secundário (p.3); Diminuir a gravidez e que os alunos conheçam o funcionamento do eu organismo (p.4);</p>	<p>Gravidez precoce, métodos contraceptivos e a sua utilização (p.1); Ciclo sexual, e sexo (p.2);</p>	<p>Temas picantes, dialogo professor-aluno, decisão na escolha do tema para trabalho de grupo, discussões nas aulas e esclarecimentos de dúvidas, Conceitos vulgais e científicos (p.2);</p>	<p>2x semanais (p.3);</p>	<p>O conhecimento científico e não científico pode-se referir na escola, logo que os alunos vão para casa é os proibidos falar do assunto, logo estes ficam inibidos a falar deste tema (p.4);</p>	<p>Formação inicial e continua faz –se nas férias letivas todos os anos com o programa de FNUAP(p.1);</p>
E12	<p>Preparar os alunos para futura vida sexual com precaução; conhecer detalhadamente o órgão sexual e para lidar com as possíveis alterações (p.4);</p>	<p>Métodos contraceptivos e aconselhamento de abstinência total (p.3);</p>	<p>Recolha de questões, apresentação de mapas, diálogo para o desenvolvimento do tema (p.2);</p>	<p>2x45min/semanal (p.3);</p>	<p>Há pouca noção dos alunos em relação ao conhecimento científico, os alunos seguem mais sobre o que ouvem na sociedade do que se aborda na escola, ou seja o conhecimento científico comprovado (p.5);</p>	<p>-----</p>
E13	<p>Para mudança de comportamento e atitudes dos alunos no sentido de prevenção das doenças (p.6);</p>	<p>Professor fala dos locais possíveis para informarem (centro de informação; perigos associados à gravidez precoce e a vantagem de uma boa decisão sexual; alertar os alunos sobre os acontecimentos da sociedade e da localidade onde residem (p.3); Gravidez, método contraceptivos, infertilidade, gémeos, e caminhos e os cuidados a seguir caso de uma gravidez precoce (p.4);</p>	<p>Manter o poder de autoridade para assegurar a turma, devido conversas paralelas e elevados numero de questões que levantam, (p.2); Professor atribui regras de colocação de questão para os últimos 10 ou 15 minutos da aula porque o tema é para cumprir; Professor fala/explica e os alunos anotam para sessão de perguntas/duvidas (p.3);</p>	<p>-----</p>	<p>Os alunos interessam-se mais pelo conhecimento terra-terra do que o conhecimento científico;</p> <p>Seguem mais o que partilham no seio dos amigos, do que o que se dá na escola (p.8);</p>	<p>Preocupação do docente face ao aumento da gravidez nas adolescentes (p.5)</p> <p>O conhecimento e os conteúdos bem espalmados e de forma resumida, assuntos importantes e interessante (p.6)</p>

E14	Para que os alunos desde adolescência tenham certos domínios de conhecimento acerca da Sexualidade, e preparar os adolescentes para a sociedade (p.4);	Métodos contraceptivos e os exemplos dos perigos de praticarem o sexo sem precaução (p.3); Aborto, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis e as precauções a ter e entre outros (p.3);	Dialogo, Improvisação dos materiais para trabalhar com os alunos (p.2);	2x 45 semanais (p.4);	Os alunos interessam mais sobre o tabus do dia- a – dia (p.9); O conhecimento não científico prevalece o conhecimento científico (p.9);	Recebeu formação com a escola+ e agora prepara os novos docentes acerca de E.S (p.1); ASPF uma associação que tem ajudado muito no terreno acerca deste tema (p.5);
E15	É para educar os jovens a forma como deve educar o seu corpo e cuidar mais da saúde sexual, e também leva-os entender o perigo de quando se pratica uma sexualidade sem proteção (p.4);	Sistema reprodutor, puberdade, transformações, morfologia do sistema reprodutor, fecundação, gravidez, gravidez na adolescência (p.2); Métodos contraceptivos, menstruação, ejaculação, período fértil (p.3); Método calendário, método temperatura, Diu, laqueação de tropas (p.3); Professora alerta os cuidados a ter durante relação sexual, reforça sobre a campanha de sensibilização que passa na tv, (p.3);	Dialogo, aula de ciências não deve haver tabus, façam perguntas para não haver dúvidas (p.2); Dialogo, aula aberta, chuva de ideia sobre o tema (p.3);	-----	O conhecimento não científico prevalece o conhecimento científico, o que torna difícil sair da mente dos alunos para colocar o mais correto (p.5);	Professora preocupa-se com a falta de orientação dos pais em casa e pedi colaboração de um diálogo (p.2);

Tema: Educação sexual no contexto Educativo: avaliação dos professores 1º ciclo de Secundário									
Categorias: Dificuldades e constrangimentos sentidas									
Ent.	<i>Materiais: Didático/Pedagógico</i>	<i>Melhores condições na sala de aula: número elevado de aluno</i>	<i>Participação/falta de diálogo dos pais /mal compreensão</i>	<i>Falta de mais tempo letivo</i>	<i>Necessidade de formação continua</i>	<i>Intervenção de agentes externo</i>	<i>Dificuldades de abordagem de alguns temas e a faixa etária</i>	<i>Falta de regulação entre o Ministério de educação e curso noturno</i>	<i>Mal compreensão por parte dos alunos</i>
E1	Falta de manual de alguns alunos; falta de mapas do corpo humano (p.7);	-----	-----	Falta de mais tempo letivo (p.9);	É sempre positivo. Sente necessidade mais sobre planeamento familiar (p.8);	-----	-----	-----	-----
E2	Falta de materiais,p.4;	-----	Há imposição dos pais face ao comentário dos filhos sobre o tema ligado a sexualidade (p.3); Preocupa-se com a falta do empenho e participação dos pais nestes temas (p.4); Não há uma aceitação de todos os pais acerca deste assunto no contexto escolar (p.4);	-----	Gostaria de Ter mais acompanhamento de formação e a formação tem efeito na vida pessoal dos professores p.5;	-----	-----	-----	-----
E3	Falta de material de apoio e os docentes muitas das vezes tem que trazer o seu próprio material (p.2)	Número elevado dos alunos na turma; falta de manual para todos os alunos, manual mais pratico e direcionado para atividades com os alunos, (p.4);	-----	-----	É sempre positivo (p.4/5);	Influência da igreja: contra uso do preservativo e aborto (p.5);	-----	-----	-----
E4	Manual pouco atrativo (p.3);	Números elevados de alunos na turma, exige muito esforço o que há um baixo rendimento dos alunos (p.4);	Sente-se constrangido com atitudes dos pais (ausência dos pais, repudio dos mesmos com elevado nível de escolaridade) (p.4);	-----	É sempre positivo, o mundo está em evolução e gostaria aprofundar mais os temas sobre sexualidade: gravidez precoce, métodos contraceptivos e o saneamento do meio (p.5);	-----	Sente dificuldade em abordar algum tema, devido a questão de idade (p1/2);	-----	-----
E5	Falta de matérias didáticos e pedagógico, manual, nº reduzido de alunos com manual, (p.4);	Turma extensa (p.4);	-----	-----	Sente necessidade de mais formação, e gostaria aprofundar mais sobre sexualidade, gravidez na	-----	-----	-----	-----

					adolescência, as DST's, métodos contraceptivos (p.5),				
E6	Dificuldades em materiais, falta de laboratórios para exercitação e acompanhamento no real; professores quem compra os seus materiais para realização das atividades na sala de aula (p.2);	-----	-----	-----	É sempre positivo, a formação nunca é de mais, e gostaria de aprofundar melhor saúde reprodutiva e anatomia dos órgãos sexuais (p.5);	-----	-----	-----	-----
E7	-----	-----	-----	-----	Já frequentou vários seminários e formação tanto a educação com dos agentes externo, mas nunca é de mais (p7);	-----	-----	Há falta de entendimento das escolas e falta de regulação de M.E para transferências dos alunos para o curso noturno (p.6);	Professor tem receio na má interpretação dos alunos, dos pais e mesmo em alguns professores (p.6),
E8	Falta de matérias de apoio, manual preto/branco pouco atrativo, criar centro de aconselhamento (p.4);	É complicado, a turma superlotada, impossibilidade de um bom acompanhamento dos alunos e muito esforço para atingir os objetivos (p.2);	-----	-----	É sempre Bem-vindo. Os temas mais polêmicos: sida, gravidez na adolescência, DST's (p.5),	-----	-----	-----	-----
E9	Ensino pobre (p.3); professor o foco principal na turma (p.4);	Turma com 90 alunos (p.2);	-----	-----	É sempre positivo e a necessidade de formação (p.5)	-----	-----	-----	-----
E10	-----	-----	Falta de diálogo entre pais e filhos sobre a educação sexual (p.5);	-----	É sempre positivo. Os cursos são bem-vindos (p.6); Necessidade de mais formação e estudo científico para rebater certos tabus que os alunos carregam (p.7);	-----	Dificuldades algumas questões e que reservava para um outro dia ou uma outra altura para a resposta, e para não incorrer no erro de dizer coisas que não tem nada a ver não (p.4);	-----	-----
E11					É sempre positivo. Gravidez precoce e as	A não-aceitação da igreja da igreja	A algumas lacunas: há		

	-----	-----	-----	-----	consequências (p.4);	dificulta um pouco abordagem de E.S (P.5);	professores tímido nestes conteúdos e com receio de falar para os alunos (p.2);	-----	-----
E12	Dificuldades de observação das imagens do manual, por ser preto e branco (p.5);	-----	Este tem receio de falar do assunto com os filhos (p.2); Não-aceitação dos pais em relação a E.S no contexto educativo (p.4);	-----	É positivo, a necessidade de reciclagem (p.5); todos os temas é interessante, mas métodos contraceptivos, IST'S. DST'S (p.5);	Os alunos não interessam pela radio e a televisão, mas sim para os programas menos educativos (p.6);	Tema com muito tabus, professor com dificuldades a dar conteúdos por falta de colaboração dos pais. (p.2);	-----	Falta de conhecimento do aluno em relação ao assunto, a timidez por parte de alguns alunos, saber lidar com as questões colocados, (p.4);
E13	Falta de manual para os alunos comprarem; falta de projetor (p.4);	Elevado número de alunos por turma, dificuldade em falar para toda turma ouvir, ausências de carteiras, (p.7);	-----	-----	É positivo. "o conhecimento tem que ser sempre atualizado(...)"p.(8);	As irmãs canossianas inicialmente estavam contra abordagem de E.S no contexto escolar (p.7);	No início profissional tinha dificuldade na abordagem de algumas terminologias junto dos alunos (p.6);	-----	Interpretação dos alunos, porque muitos conversam com os pais e vão lá dizer em casa o professor está a falar de certos assuntos que pode causar mal compreensão por parte dos pais e isso dificulta. P.7
E14	Falta de material didático (p.2); escassez de material didático (p.4);	Elevado número de alunos por turma, o professor tem que ter pulso para não entrar em desespero e saber dominar a turma (p.5);	O professor sente-se preocupado com a questão de tabu, os pais não aceitam que os seus filhos falem do assunto em casa (p.2);	-----	É sempre positivo e gostaria de aprofundar mais os temas dsts, gravidez na adolescência e métodos contraceptivos (p.5);	-----	-----	-----	-----
E15	Falta de alguns meios: manual, projetor, matérias de apoio pedagógico para melhor compreensão (filmes), (p.4);	-----	-----	-----	Sim, sempre positivo. "Gostaria imenso participar e falar da sexualidade em geral" (p.5);	-----	-----	-----	Há pouca aprendizagem dos alunos na avaliação, o que considera chocante quando vê este resultado (p.4);

Tema: Educação sexual no contexto Educativo: avaliação dos professores 1º ciclo de Secundário			
Categorias: Conhecer o comportamento/atitudes e reação			
Ent.	Professores	Alunos	Família (pais, enc. educação)
E1	-----	Curiosidade, interesse, presença, perguntam, grande adesão (p.2)	Poucos pais questionam; há vergonha receio dos pais falarem desse assunto com filhos; professor explica aos pais que o tempo mudaram (p.7);
E2	Conversa, dão conselhos e chamam atenção dos perigos (p4);	Gostam do tema e acham que sabem muito; dúvidas; participa, barulho, risos, receio de expressar algum termo, curiosos, interesse (p.2/3);	Há pais que batem os filhos por falar do assunto em casa (p.3); Os filhos questionam e os pais não conseguem responder e sugere o aluno que pergunte a professora (p.4); Há pais que apoiam e outros não concordam (p.5); Acham que a escola está a “estragar” os alunos (p.5); Os pais fazem muitas críticas aos professores de incentivar aos alunos a entrarem mais cedo na vida sexual (p.5);
E3	Há assuntos que o professor omite, porque não considera pertinente para a idade dos alunos mais novos, mas também não deve esconder. (p.1/2); Impor-se. Não ter receio, saber agir e conduzir a aula (p.2).	Confuso (p.2); timidez; Barulhento (p.3);	-----
E4	Aborda sem receio e limita-se algumas questões devido a faixa etária dos alunos (p.4)	Expetativa, À-vontade, participam, escutam, vergonha, tímidos devido a proibição dos pais, (p.2); Curiosidade em experimentar, aumento de gravidez na adolescência, abandonado pela escola e pelos pais (p.3) Os alunos gostam dos temas de E.S e também outros (p.7)	Não apoiam abordagem deste tema no contexto educativo, não conversam com os filhos, critica a escola de estragar os alunos, (p.4)
E5	Não ter vergonha, explicar sem receio e ser pró-ativo conforme os alunos, usar linguagem terra- terra e nomes vulgo (p.2);	A aula é boa, participam, gostam do tema, aprendem termos, (p.2), Turma agitada, conversas paralelas, colocam questões, não preveem consequências das coisas, manifestam conhecimento dentro da sala de aula, sabem dos perigos mais cometem erros, e não põem em prática o que aprendem (p.3); Os alunos mais novos reagem melhor e demonstram mais curiosidade em aprender do que os mais velhos (p.6);	Os pais têm ideia diferente do que se aprende na escola sobre a sexualidade; há pouca dedicação dos pais face aos filhos o que se aborda na escola; O professor/a diz que se aborda a educação sexual desde primaria, mas há pais que não sabem ate ao momento; Os pais acusam os professores de ensinar os filhos a falar do sexo (p.5);
E6	Gosta do conteúdo e da aula, fala dos termos científicos e termo vulgar para compreensão dos alunos e tem paciência (p.2); Sente-se a vontade, é aberta, conversa e aconselha os alunos, sente-se feliz quando fala destes assuntos aos alunos, não tem receio e tabus (p.4);	Receio, timidez, linguagem vulgar, participam, maior vergonha e timidez por parte das meninas (p.2); Conversas paralelas com os colegas, reagem bem aos conteúdos, mostram dúvidas em algum conteúdo e são abertos (p.3);	Diz que até ao momento não teve nenhum problema com os pais no que refere a educação sexual (p.5);
E7	O docente sente preocupado com as alunas grávidas que são convidadas pela direção da escola/professores a sair do ensino diurno e para noturno (p.4);	Desperta muita atenção, ativos e dinâmicos, tem informação e conhecimento acerca do assunto (p.2), São abertos nas suas expedições e nas preocupações (p.3), Entusiasmado, inibidos, interesse, colocam questões, tem os pré-requisitos, aula dinâmica e viva (p.3); Os alunos mais velhos demonstram mais timidez, motivados (p.3);	Os pais não aparecem na escola. (p.6)

E8	Complicado abordar educação sexual em são Tomé (p.2)	Tabu, Receio, medo de falar sobre a educação sexual (p.2); Espanto, euforia, curiosidades, receio de colocar questões, os alunos da 9ª classe são mais abertos (p.2);	A família fecha nestes assuntos, e tem vergonha de falar sobre este assunto (p.2); Questão cultural, a sociedade não cresceu em relação a abordagem de E.S, há tabu e muitos mistérios sobre a sexualidade, a medo de os pais falarem com os filhos e vice-versa; Há uma dificuldade dos alunos falarem sobre este assunto na escola porque os pais repudiam a abordagem do mesmo; A igreja também é contra este assunto na escola (p.4);
E9	Não há problemas, aula excitante (p.1); Professor desmascarado, falas sem receio, sem dificuldades para atingir os objetivos da aula (p.5);	Interesse, participação, duvidas, curiosos (p.1); Ficam meio aceso, colocam questões, adoram aulas (p.2); Curiosos (saber, fazer, praticar), preocupados (p.3); Felizes, presença, não fazem barulho, atenciosos (4)	Os pais não gostam deste tema no contexto educativo, referem que os professores estão a encaminhar os alunos para o mau caminho (p.5);
E10	Professor extrovertido (p.2); O professor tem manter um rosto sorridente (p.3); O docente tem que ter cuidado na abordagem destes temas, para não serem confundidos (p.5) Há algumas questões que eram colocadas e o professor para não induzir em erro, opta por ir investigar antes e depois no dia seguinte abordar a questão (p.5),	As aulas são picantes, os alunos sentem-se um pouco incomodado com os temas no bom sentido (p.2), Motivados, presença, não chegam atrasados, risos e a sempre novidades nas aulas (p.2), Os alunos chegaram a chamar o professor de “malcriado”, tem reação positiva (p.3); Gostam da disciplina (p.4)	Em algumas reuniões dizem que falam com os filhos acerca da educação sexual, (p.6), No início da implementação os pais contestaram muito, mas com o passar do tempo já consciencializar que é para o bem dos alunos (p.6); Os pais as vezes omitem informações (ou ensinam coisas meias má) sobre a sexualidade aos filhos e eles levam consigo esta informação errada durante a sua vida o que causa problema na vida sexual (p.8);
E11	-----	A reação não é normal, muito barulho, interesse no tema, colocam questão, falam dos problemas e duvidas (p.3),	Há tabus, a família acusa os professores de desencaminhar os alunos, a praticar sexo (p.3); Há falta de comunicação da família em relação ao assunto com os filhos, os pais não gostam que a escola fale do assunto com os filhos, e como os pais não falam a escola aborda (p.4);
E12	Tem receio e dificuldades nestes temas com os alunos, (p.2);	Há mais Interesse pelos alunos mais novos, curiosidades, questões, timidez, os rapazes manifestam ser mais tímidos (p.2); Receio, vergonha, algumas dificuldades (2);	Atitude brutal de uma mãe face ao filho a cerca do conteúdo de E.S no livro, constrangimento total da família (p.4);
E13	Professor alerta de perigos de algumas cascas e folhas, Professor explicar os alunos que a técnica que eles sabem são ilícitas e traz perigo para o organismo e pode levar a morte (p.8);	Interesse, atenção, presença, grande adesão, vão buscar o docente na sala dos professores antes do toque, colocam questão, trazem problemas, falam dos seus problemas, mas colocam muitas das vezes na terceira pessoa (p.1);	Falta de conversa dos pais com os filhos na entrada da puberdade; pais questionam de algumas ilustrações no manual e têm noção errada sobre o objetivo de E.S no contexto escolar, e acham que é um incentivo para os alunos iniciarem mais cedo a vida sexual (p.5); A família não consegue dirigir ao docente e mostrar o seu desagrado, faz de forma indireta (p.7);
E14	Saber dominar a turma, ser serio e estar bem preparado para responder bem o que os alunos solicitam (p.2)	Os alunos colocam questões acerca do tema, gostariam que a aula fosse 3x mais (p.2); Reação violenta, algo doce, não faltam aulas, interesse na aprendizagem de E.S (P.3);	A família não concebi bem a introdução de E.S nas escolas, mas agora algumas estão a encaixar neste domínio (p.5); Os pais de meio rural são mais difíceis aceitar estes assuntos (p.5);
E15	Professora diz ser um pouco complicado abordar E.S para os alunos, sente-se preocupado com os alunos sobre o que eles sabem, e o que é preciso fazer mais para mudar a mentalidade dos mesmos face a sexualidade (p.2);	Timidez, receio de alguns alunos em falar, uns falam abertamente, usam termos comuns e vulgais (p.2); Colocam questão que a professora fica até com receio de responder (p.3);	Pais deveriam ser participativo. (p.5)

Tema: Educação sexual no contexto Educativo: avaliação dos professores 1º ciclo de Secundário						
Categorias: Sugestão de melhoria/alteração para M.E						
Ent.	Divulgar E.S para sociedade antes da implementação no contexto educativo	Alargar E.S para comunidades, Mídias, organizações externas e etc.	Divulgar e aprofundar mais alguns temas e conteúdos	Valorizar mais E.S: adequar os conteúdos conforme faixa etária e alargar as outras áreas disciplinares / classes e a carga	Diminuir o número de aluno por sala	Apoios materiais, técnicos e pedagógicos /didáticos/lúdicos aos professores e os alunos
E1	-----	Fazer educação sexual nas comunidades e não só na escola porque muitas crianças não vão à escola (p.10);	-----	-----	-----	-----
E2	-----	-----	Focar muito no método contraceptivo, porque há alunos que estão muito cedo na vida sexual ativa, e cometem muitas asneiras: "tira gravidez" (p.6);	-----	-----	Mais atividades de sensibilização no do gabinete de aconselhamento (p.6);
E3	O tema antes da sua implementação deveria ter passado por um debate na sociedade e a sensibilização dos pais.p.2	Intervenção dos Mídias (programas de sensibilização na TV e a radio);p.2	Focar na gravidez na adolescência e no método contraceptivo porque há muitas adolescentes de 11 e 12anos grávidas (p5); Alargar o tema de saneamento do meio para o J.I (P.5);	Alargar o horário da disciplina (p.6); Ministério de educação dar mais valor a disciplina de Educação para saúde, tornar a disciplina obrigatória e mudar o modo de avaliação da disciplina para ter mais impacto na sociedade (p.6);	-----	-----
E4	Mais intervenção dos pais. P.5/6	Intervenção da comunicação social na abordagem de educação sexual (p.5/6);	Aprofundar mais o tema de E.S, há pouca informação no manual (p.6);	M.E dar mais e o valor a disciplina de Ed para saúde e de modo os alunos também darem mais importância (p.7);	-----	Deveria haver filmes, slides para melhor compreensão (p.2); Falta de retroprojektor (p.3), Mais materiais: filmes, slides, mais sessões de palestras e debates; manual colorido e atrativo para os alunos (p.6)
E5	-----	-----	-----	Para os alunos da 5ª,6ª e 7ª ano estes temas deveria ser abordado continuamente e com mais frequência, porque os adolescentes andam muito perdido (p.4); Adequar ou não abordar os conteúdos sobre ejaculação, masturbação para os alunos mais novos (p.6);	-----	Arranjar folhetos, manuais para todos os alunos (p.7); Arranjar filmes para os alunos visualizar (p.7);

E6	-----	-----	-----	<p>Para os alunos da 5ª,6ª e 7ª ano estes temas deveria ser abordado continuamente e com mais frequência, porque os adolescentes andam muito perdido (p.4);</p> <p>No 5º e 6º ano a muitos alunos repetentes, dai deveria ser abordado também a estas classes (p.6);</p>		-----
E7	-----	Alargar a divulgação a comunicação social: filmes e outros dispositivos (p.5),	-----	<p>A abordagem de educação sexual não devia restringir classes, mas alargar questões fundamentais as outras classes e todos os anos (p.9),</p> <p>Retratar com maior frequência, reforçar mais horas semanais para abordar, intervenção do M.E na aproveitação da hora do diretor de turma para focar este tema e a abrangência das classes (p.9),</p>	-----	-----
E8	Aula aberta aos pais, filmes, e participação dos pais na ed. Dos filhos (p.7);	Divulgar no Mídias programas educativos para sensibilização nos intervalos de novelas (p.4);	-----	<p>Mais horas de letiva para abordar, não focar somente o que está no manual (p.3/6);</p> <p>E.S deveria ser uma unidade curricular e não extra curricular e abranger na primária (p.6);</p>	Diminuir números de alunos na turma,p.7	Introdução e investimento nos matérias pedagógicos, formação dos professores, investir no laboratório,p.7
E9	-----	-----	Acrescentar mais assuntos relacionado com a gravidez na adolescência (p.6)	-----	-----	<p>Criar aula expositiva, mapas atualizados, manual para apoiar o professor (p.4);</p> <p>Disponibilizar matérias para professores, enriquecer manual, criar vídeos, fazer palestras, folhetos e distribuir (p.7)</p>
E10	Abertura para comunicação social (tv, radio) e divulgação para sociedade de modo estarem sensibilizado ao currículo formal (p.5);	-----	-----	<p>Alteração da metodologia do manual: textos, imagens, termos de acordo com faixa etária, e não diferenciar muito as informações de acordo com as classes, e evitar omissões de informação aos alunos (p.7);</p> <p>O professor refere que a melhor maneira de abordar a E.S é no contexto educativo, e a disciplina de biologia ajuda, mas também ter mais complemento de E.S;p.4/5</p>	-----	M.E deve dar mais atenção a programa de E.S, dar apoios técnicos e pedagógico aos professores que lecionam as disciplinas de E.S, criar programas radiofónicos para sensibilização dos pais e encarregado de educação, incluir agentes externo (8);

E11	Divulgar para os pais de modo estarem a par do que se aborda nas escolas (p.4/5); Sensibilização aos pais sobre a importância da abordagem de E.S no contexto educativo, abertura de aula aberta com os pais (p.4);	-----	-----	-----	-----	Materiais de apoio: visualização do filme e depois debates (p.3);
E12	-----	Para além das disciplinas que aborda, criar seminários ao nível escolar reforçando alguns temas: gravidez na adolescência, Ist's, D'sts, alargar responsabilidade aos outros agentes e reforço de comunicação social (p.6);	Nova intervenção para arrebatar o elevado número de gravidez que tem aumentado na escola (p.6);	Manual e imagens a cor, mais informação sobre IST'S (p.5); Aumento de frequência semanal (3x45semanal) (p.3) Alargamento do tema para outras áreas disciplinar (p.3);	-----	-----
E13	-----	-----	-----	-----	-----	Uso de projetor seria mais útil e interessante porque os alunos assimilam melhor quando veem exemplos concretos em filmes (p.4); Docente não concorda com algumas abordagens do manual (p.9); Na fase de conceção do manual, Sugerir os técnicos que participam e intervêm nas atividades com os alunos, os que vão para terreno (p.9);
E14	-----	-----	-----	Fazer manual de acordo com os níveis de ensino e a realidade do país e que estendesse a todos os anos de escolaridade porque este assunto tem ajudado muito (p.6);	-----	Deveria haver livros com gravuras e de preferência colorida, matérias contracetivos (p.4); Melhorar condições de trabalho (p.5)
E15	-----	Campanha de sensibilização quanto a E.S, não deve envolver somente a M.E mas abranger a sociedade em geral (p.6);	-----	-----	-----	Mais formação acerca de educação para saúde e educação sexual (p.5)